



# ArqueoLogística

Consultoria Arqueológica

## PESQUISA E REGISTRO DOCUMENTAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO “CEMITÉRIO DOS CABOCLOS”

Município de Paçandu - Paraná  
(Coordenada UTM 22K 389314 E / 7402396 S)

**Empreendimento:**  
Duplicação da Rodovia PR-323  
Trecho: Paçandu – Doutor Camargo / PR



Processo nº 01508.000380/2014-48



Agosto de 2019



**PESQUISA E REGISTRO DOCUMENTAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO  
“CEMITÉRIO DOS CABOCLOS”**

|                                    |   |
|------------------------------------|---|
| <b>NOME DO SÍTIO:</b>              | <b>Cemitério dos Caboclos</b><br>Registro CNSA/SGPA: PR01580  |
| <b>LOCALIZAÇÃO:</b>                | À margem da Rodovia PR-323, Paiçandu / PR<br>Coordenada UTM 22 K 389314 E / 7402396 S   |
| <b>EMPREENHIMENTO VINCULADO:</b>   | Duplicação da Rodovia PR-323<br>Trecho: Municípios de Paiçandu – Doutor Camargo<br>Estado do Paraná   |
| <b>ÓRGÃO LICENCIADOR:</b>          | Instituto Ambiental do Paraná - IAP   |
| <b>ÓRGÃO ATENDIDO:</b>             | Departamento de Estradas de Rodagem - DER / PR  |
| <b>EXECUÇÃO DO EMPREENHIMENTO:</b> | Torc Terraplenagem Obras Rodoviárias e Construções LTDA<br>CNPJ: 17.216.052/0001-00<br>Rua Maranhão, nº 1694, 5º ao 12º andares, Funcionários,<br>CEP 30.150-338, Belo Horizonte / MG |
| <b>EXECUÇÃO DA PESQUISA:</b>       | <b>ArqueoLogística – Consultoria Arqueológica</b><br>CNPJ: 33.120.640/0001-94<br>Av. Nildo Ribeiro da Rocha, 3324, Jd. Higienópolis<br>Maringá - PR / (44) 99949-2746                 |

**COORDENAÇÃO GERAL:** **Ana Flávia de Araújo Silva**  
Bacharela em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre - UFPI

**EQUIPE TÉCNICA:** **Tailine Rodrigues Valério da Silva** - *Arqueóloga e Mestra em Antropologia*  
**Paula Rocha do Amaral Marino** - *Arquiteta e Urbanista*  
**Ana Claudia Fragoso** - *Bacharela em Arqueologia - FURG*  
**Karla Bianca da Silva Oliveira** - *Bacharela em Arqueologia e Mestranda em Antropologia com Habilitação em Arqueologia*





## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1:</b> Traçado da obra de duplicação trecho entre Maringá e Francisco Alves em destaque com linha vermelha e cor-de-rosa..... | 10 |
| <b>Figura 2:</b> Croqui esquemático do Cemitério dos Caboclos.....  | 13 |
| <b>Figura 3:</b> Capela Nossa Senhora da Graça - Marilá.....  | 20 |
| <b>Figura 4:</b> Ferroviária de Água Boa em 2010.....   | 21 |
| <b>Figura 5:</b> Ferroviária de Água Boa em 2013.....   | 21 |
| <b>Figura 6:</b> Conversa com o Sr. Waldemar Zirondi.....   | 43 |
| <b>Figura 7:</b> Conversa com o Sr. Waldemar Zirondi.....   | 43 |
| <b>Figura 8:</b> Conversa com a escritora Izaura Varela.....  | 45 |
| <b>Figura 9:</b> Conversa com a escritora Izaura Varela sobre as entrevistas realizadas.....  | 45 |
| <b>Figura 10:</b> Conversa com o jornalista Donizeti Oliveira e exemplar da Revista Tradição.....                                       | 46 |
| <b>Figura 11:</b> Fachada da Casa de Cultura de Paiçandu.....   | 47 |
| <b>Figura 12:</b> Conversa com os representantes da Casa de Cultura de Paiçandu.....  | 47 |
| <b>Figura 13:</b> Vista Geral do sítio Cemitério dos Caboclos.....  | 53 |
| <b>Figura 14:</b> Vista da fachada do sítio.....  | 53 |
| <b>Figura 15:</b> Arquiteta realizando medições com auxílio de trena eletrônica.....  | 53 |
| <b>Figura 16:</b> Anotações das medidas em prancheta.....   | 53 |
| <b>Figura 17:</b> Entorno da edificação à nordeste.....   | 54 |
| <b>Figura 18:</b> Entorno da edificação à sudoeste.....   | 54 |
| <b>Figura 19:</b> Entorno da edificação à sudeste.....  | 54 |
| <b>Figura 20:</b> Exemplo de bloco de rocha utilizado na estrutura.....   | 55 |
| <b>Figura 21:</b> Camada superior de argamassa sobre os blocos empilhados.....  | 55 |
| <b>Figura 22:</b> Medição da altura dos muros da construção de blocos empilhados.....   | 55 |
| <b>Figura 23:</b> Medição da espessura dos muros da construção.....   | 55 |
| <b>Figura 24:</b> Planta Baixa da construção “Cemitério dos Caboclos”.....  | 56 |
| <b>Figura 25:</b> Empilhamento diferenciado na gruta.....   | 57 |
| <b>Figura 26:</b> Vergalhões metálicos reforçando o vão do arco de abertura.....  | 57 |
| <b>Figura 27:</b> Cruz de madeira com base de concreto ao centro do Cemitério.....  | 58 |
| <b>Figura 28:</b> Objetos deixados junto à cruz.....  | 58 |
| <b>Figura 29:</b> Imagens de santos presentes no local.....   | 58 |
| <b>Figura 30:</b> Imagem presente junto à gruta.....  | 58 |
| <b>Figura 31:</b> Desenhos técnicos das vistas frontal (noroeste) e posterior (sudeste) e planta baixa de detalhe da gruta.....         | 59 |
| <b>Figura 32:</b> Fachada frontal da edificação (face noroeste).....  | 59 |
| <b>Figura 33:</b> Fachada posterior da edificação (face sudeste).....   | 59 |
| <b>Figura 34:</b> Desenhos técnicos das vistas laterais (nordeste e sudoeste).....  | 60 |
| <b>Figura 35:</b> Fachada lateral da edificação (face nordeste).....  | 60 |
| <b>Figura 36:</b> Fachada lateral da edificação (face sudoeste).....  | 60 |
| <b>Figura 37:</b> Vista superior da maquete eletrônica.....   | 61 |
| <b>Figura 38:</b> Fachada frontal da maquete eletrônica.....  | 61 |
| <b>Figura 39:</b> Perspectiva da maquete eletrônica.....  | 61 |
| <b>Figura 40:</b> Perspectiva da maquete eletrônica.....  | 61 |
| <b>Figura 41:</b> Vista posterior da maquete eletrônica.....  | 61 |
| <b>Figura 42:</b> Trecho danificado na porção sudoeste.....   | 62 |
| <b>Figura 43:</b> Parte do muro danificada na porção nordeste.....  | 62 |
| <b>Figura 44:</b> Situação da estrutura em 2014, sem danos nos muros.....   | 62 |
| <b>Figura 45:</b> Fachada do Cemitério dos Caboclos em 2014.....  | 63 |
| <b>Figura 46:</b> Fachada do Cemitério dos Caboclos em 2019.....  | 63 |





|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 47:</b> Grande pedra onde havia uma placa de identificação.....                         | 64 |
| <b>Figura 48:</b> Placa instalada em 10 de abril de 2019 e furtada em seguida.....                | 64 |
| <b>Figura 49:</b> Objetos e materiais orgânicos presentes no local. ....                          | 64 |
| <b>Figura 50:</b> Objetos e materiais orgânicos presentes no local. ....                          | 64 |
| <b>Figura 51:</b> Publicação feita na página do Facebook da ArqueoLogística sobre a pesquisa..... | 67 |





## LISTA DE MAPAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Mapa 1:</b> Localização do Trecho: Paiçandu – Doutor Camargo da Duplicação da PR-323. .... | 11 |
| <b>Mapa 2:</b> Localização do sítio histórico Cemitério dos Caboclos. ....                    | 13 |
| <b>Mapa 3:</b> Mapa de Localização do Sítio Histórico Cemitério dos Caboclos. ....            | 52 |





## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Tabela 1:</b> Datações mais antigas de sítios arqueológicos no Paraná. .... | 29 |
| <b>Tabela 2:</b> Sítios Arqueológicos registrados na região de Paiçandu. ....  | 32 |





## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | 8  |
| <b>2 CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO E LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO</b> .....                     | 10 |
| <b>3 CONTEXTO ETNO-HISTÓRICO</b> .....   | 14 |
| 3.1 Levantamento Etno-Histórico do Paraná .....  | 14 |
| Município de Paiçandu (Paraná – PR) .....  | 18 |
| <b>4 LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO</b> .....   | 22 |
| 4.1 Levantamento Arqueológico da Região Sul do Brasil .....                                | 22 |
| 4.2 Levantamento Arqueológico do Paraná.....   | 28 |
| 4.3 Contexto Arqueológico da Região de Paiçandu.....                                       | 32 |
| <b>5 PROCESSO DE OCUPAÇÃO DE PAIÇANDU E SUA RELAÇÃO COM O CEMITÉRIO DOS CABOCLOS</b> ..... | 34 |
| <b>6 CARACTERIZAÇÃO DO SÍTIO CEMITÉRIO DOS CABOCLOS</b> .....                              | 42 |
| 6.1 Caracterização Física do Cemitério dos Caboclos.....                                   | 51 |
| 6.2 Patologias da Edificação e Preservação.....  | 62 |
| <b>7 DIVULGAÇÃO DAS INFORMAÇÕES E MÍDIA DIGITAL</b> .....                                  | 66 |
| <b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 68 |
| <b>9 EQUIPE TÉCNICA</b> .....  | 70 |
| <b>10 REFERÊNCIAS</b> .....  | 71 |
| <b>11 ANEXOS</b> .....   | 73 |





## 1 INTRODUÇÃO

A presente **Pesquisa e Registro Documental do Sítio Arqueológico Histórico “Cemitério Dos Caboclos”** está inserida no âmbito do **Programa de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial durante as obras do empreendimento “Duplicação da Rodovia PR-323: Trecho Paiçandu – Doutor Camargo”**, localizado nos municípios de Paiçandu e Doutor Camargo, no Estado do Paraná, sob o processo nº 01508.000380/2014-48, autorizado pela Portaria IPHAN nº 73, de 7 de dezembro de 2018.

A pesquisa em tela tem por objetivo apresentar os resultados do levantamento de uma edificação histórica localizada às margens da Rodovia PR-323, conhecida como “Cemitério dos Caboclos” e caracterizada como local de interesse para o patrimônio imaterial da comunidade, localizada na coordenada UTM 22 K 389314 E / 7402396 S, no município de Paiçandu / PR.

Este estudo está vinculado à atual etapa de Programa de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial do empreendimento em tela, a qual foi precedida pelo Diagnóstico e Prospecção Arqueológica (2014), sob responsabilidade da arqueóloga Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias (SAPIENZA, 2014). Como resultado das ações desenvolvidas na etapa de diagnóstico e prospecção foi identificado e registrado o sítio arqueológico histórico “Cemitério dos Caboclos” na ADA do empreendimento, assim como outros dois sítios arqueológicos em outros trechos da duplicação.

Em decorrência disso, a etapa anterior recomendou o desvio do trajeto da duplicação da rodovia, a fim de preservar a edificação histórica. Esta recomendação foi imposta como condicionante pela Superintendência do IPHAN/PR Ofício nº 955/2014, de 22/12/14, e pelo Departamento de Estradas de Rodagem do Paraná, por meio do Ofício nº 032/2018 – DER/DG/AEA, de 12/03/18. A recomendação foi atendida e o trajeto da duplicação foi alterado, garantindo a preservação da estrutura. Os mesmos ofícios solicitaram também a realização da presente pesquisa e registro documental do sítio em questão.

Portanto, o Projeto de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial do empreendimento em tela, previu que a pesquisa do sítio aconteceria em paralelo durante a implantação da obra. O projeto definiu que a pesquisa iria consistir em levantamento de dados primários, com a ida a campo para a verificação da edificação em epígrafe, e dados secundários, através de pesquisas documentais.







Assim, este levantamento teve como objetivo proporcionar a coleta do máximo de informações acerca do bem edificado de valor histórico-arqueológico e imaterial, a fim de compreender a relação social da época com o espaço construído. Além disso, este levantamento oferece, como resultados: a identificação do uso social da edificação à época de sua construção, a definição das técnicas construtivas empregadas, dos materiais utilizados e das patologias da edificação com a análise do estado de conservação da estrutura e por fim, a elaboração de uma maquete eletrônica da edificação.

O desenvolvimento deste trabalho teve a coordenação técnico-científica da arqueóloga Ana Flávia de Araújo Silva, sob a responsabilidade da empresa ArqueoLogística – Consultoria Arqueológica, tendo como equipe técnica: a arqueóloga e antropóloga Tailine Rodrigues Valério da Silva, responsável pela elaboração do relatório; a arquiteta Paula Marino, que auxiliou nos levantamentos técnicos *in loco* e entrevistas; a arqueóloga de campo do monitoramento Ana Claudia Fragoso; e a arqueóloga e mestranda em antropologia Karla Bianca da Silva Oliveira, responsável pelo geoprocessamento.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: após esta Introdução, o Capítulo 2 dispõe sobre a caracterização do empreendimento e localização do sítio; já o Capítulo 3, apresenta contexto etno-histórico da região, no Capítulo 4 é realizado um levantamento arqueológico da região e do município de Paiçandu; em seguida, o Capítulo 5 foca no processo de ocupação do município; já o Capítulo 6 discorre sobre a caracterização do sítio, em seus aspectos histórico, simbólico e físico; o Capítulo 7 aborda sobre a divulgação das informações obtidas pela pesquisa; e por fim, seguem as considerações finais, equipe técnica, referências e anexos.

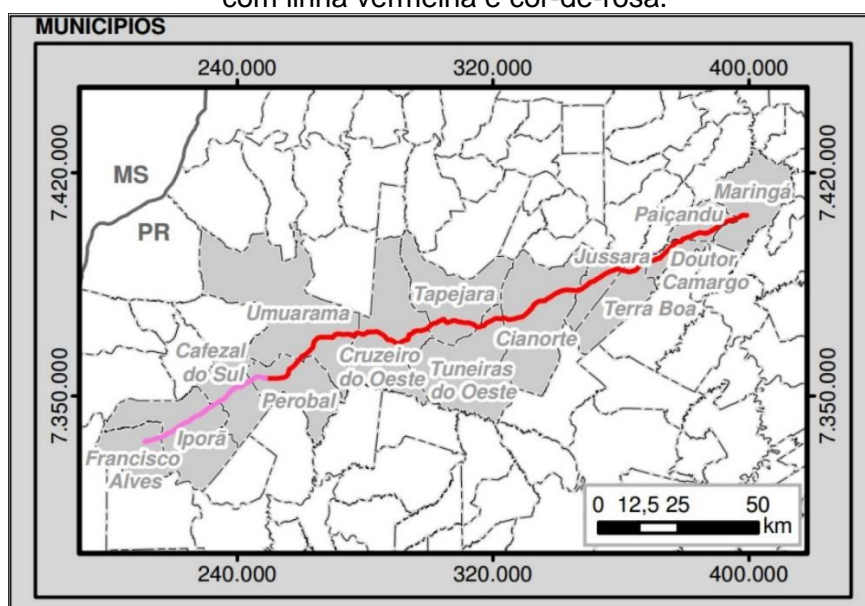


## 2 CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO E LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| <b>NOME DO EMPREENDIMENTO:</b>   | Duplicação da Rodovia PR-323: Trecho Paçandu – Doutor Camargo   |
| <b>LOCALIZAÇÃO:</b>              | Rodovia PR-323 - Trecho: km 153+445 ao km 174+200<br>Municípios de Paçandu e Doutor Camargo   |
| <b>EMPREENDEDOR RESPONSÁVEL:</b> | Torc Terraplenagem Obras Rodoviárias e Construções LTDA<br>CNPJ: 17.216.052/0001-00<br>Rua Maranhão, nº 1694, 5º ao 12º andares, Funcionários, CEP 30.150-338, Belo Horizonte / MG<br>(31) 3194-2700 / (31) 3282-2471 |
| <b>REPRESENTANTE LEGAL:</b>      | Silvia Vilela Miari Paulino   |

O empreendimento “Duplicação da Rodovia PR-323: Trecho Paçandu – Doutor Camargo” é uma etapa da execução da obra de ampliação desta rodovia, que prevê a duplicação, restauração, manutenção, conservação e operação do corredor da PR-323, sendo o trecho completo do empreendimento entre Maringá e acesso à Francisco Alves. O objetivo do empreendimento é readequar e ampliar a capacidade do Corredor da PR-323, conferindo-lhe características de uma via de trânsito rápido, interligando os municípios de Maringá, Paçandu, Doutor Camargo, Terra Boa, Jussara, Cianorte, Tuneiras do Oeste, Tapejara, Cruzeiro do Oeste, Umuarama, Perobal, Cafezal do Sul, Iporá e Francisco Alves (SAPIENZA, 2014) (Figura 1).

**Figura 1:** Traçado da obra de duplicação trecho entre Maringá e Francisco Alves em destaque com linha vermelha e cor-de-rosa.



Fonte: SAPIENZA, 2014

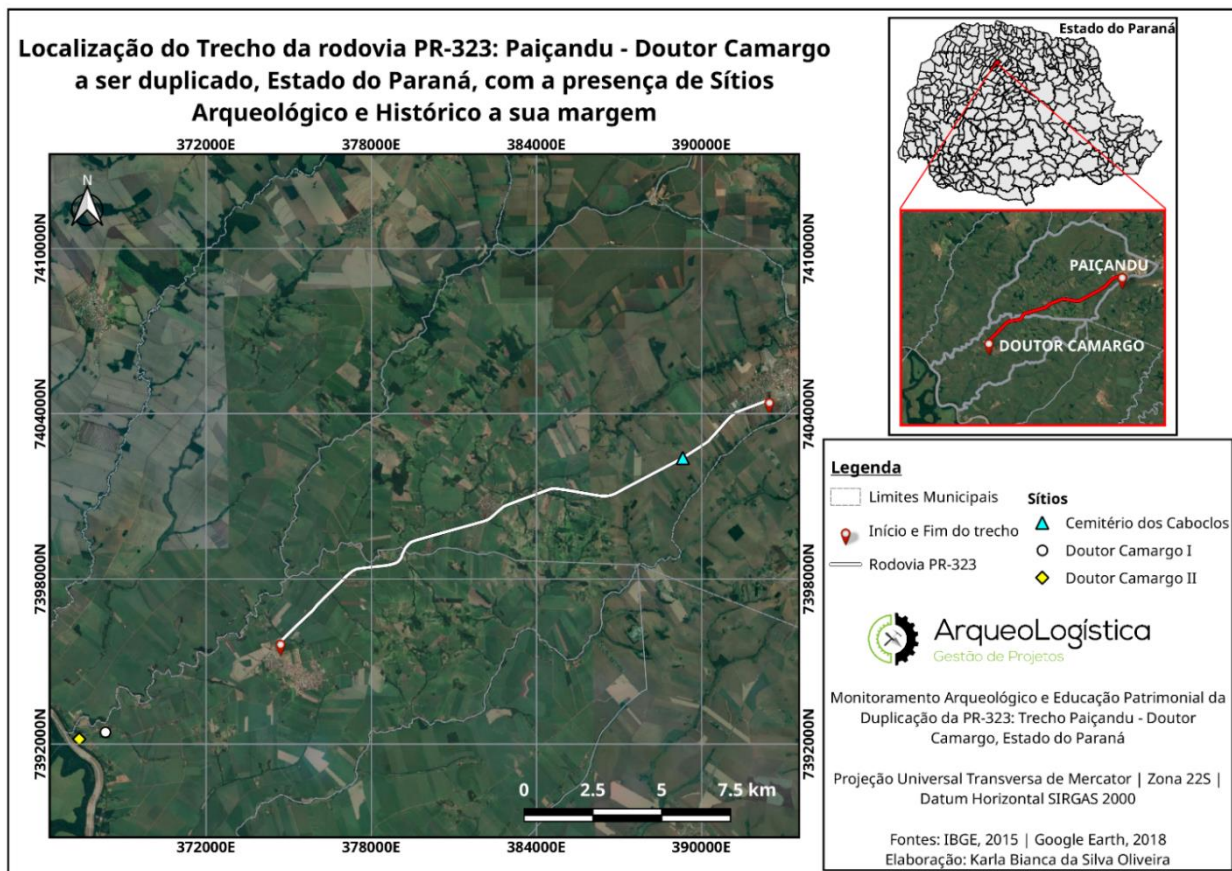


O empreendimento completo de Duplicação da PR-323, de Maringá ao acesso à Francisco Alves tem uma extensão aproximada de 219,90 km. No entanto, o trecho a ser licenciado neste projeto diz respeito apenas ao trecho entre os municípios de Paiçandu e Doutor Camargo, do km 153+445 ao km 174+200, com extensão aproximada de 20,75 km.

De acordo com o Ofício 032/2018 DER/DG/AEA, de 12 de março de 2018, o Departamento de Estradas de Rodagem – DER optou por implantar o empreendimento por etapas, uma vez que o contrato de Concessão Patrocinada entre o DER/PR e a Concessionária, vigente na época em que foi realizado o Diagnóstico e Prospecção Arqueológica, foi rescindido em maio de 2017. Após essas mudanças, o primeiro trecho a ser executado no modelo por etapas é o objeto deste projeto de pesquisa.

O trecho a ser executado nesta etapa inicia-se no final da área urbana de Paiçandu (coordenada UTM 22k / 392459 E / 7404508 S), e tem como ponto final o início da área urbana de Doutor Camargo (coordenada UTM 22k / 374700 E / 7395727), como pode ser visto no Mapa 1.

**Mapa 1:** Localização do Trecho: Paiçandu – Doutor Camargo da Duplicação da PR-323.



Fonte: Projeto de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial – PR-323 – Trecho Paiçandu-Doutor Camargo / PR, 2018.



No mapa acima estão indicados três sítios arqueológicos que foram identificados como resultado da etapa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica do empreendimento (SAPIENZA, 2014), sendo eles:

- **Sítio Cemitério dos Caboclos:** localizado no município de Paiçandu (coordenadas UTM 22 K 389314 / 7402396), junto à margem da rodovia, tratando-se de um sítio histórico com vestígios de edificação.
- **Doutor Camargo I:** localizado no município de Doutor Camargo (coordenadas UTM 22 K 368339 / 7392434), tratando-se de um sítio lítico pré-histórico da tradição humaitá.
- **Doutor Camargo II:** localizado no município de Doutor Camargo (coordenadas UTM 22 K 367387 / 7392182), tratando-se de um sítio multicomponencial com a presença de material lítico lascado da tradição humaitá, material cerâmico guarani e material construtivo, todos em um mesmo ambiente.

No entanto, apenas o sítio Cemitério dos Caboclos está inserido no trecho a ser executado nesta etapa, sendo que o projeto de engenharia já foi alterado para desviar o traçado do local do sítio, viabilizando a sua preservação.

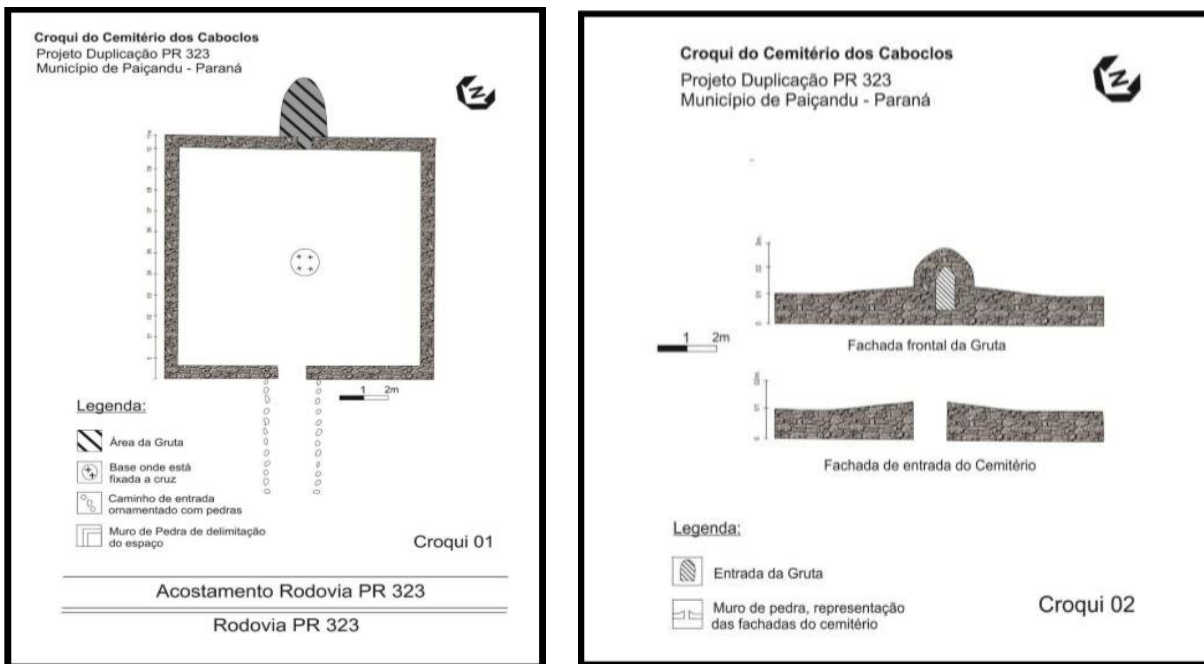
Trata-se de uma edificação histórica localizada às margens da rodovia PR 323, conhecida como Cemitério dos Caboclos e caracterizada como local de interesse para o patrimônio imaterial da comunidade, localizada na coordenada UTM 22K 389314/7402396. O sítio está implantado em área elevada em direção ao declive do vale, circundado por uma área de agricultura. O local está cercado por uma construção quadrangular com uma gruta ao fundo e cruz de ferro ao centro.

A figura 2, a seguir, elaborada pela etapa anterior de estudo arqueológico, apresenta um croquí esquemático da edificação.





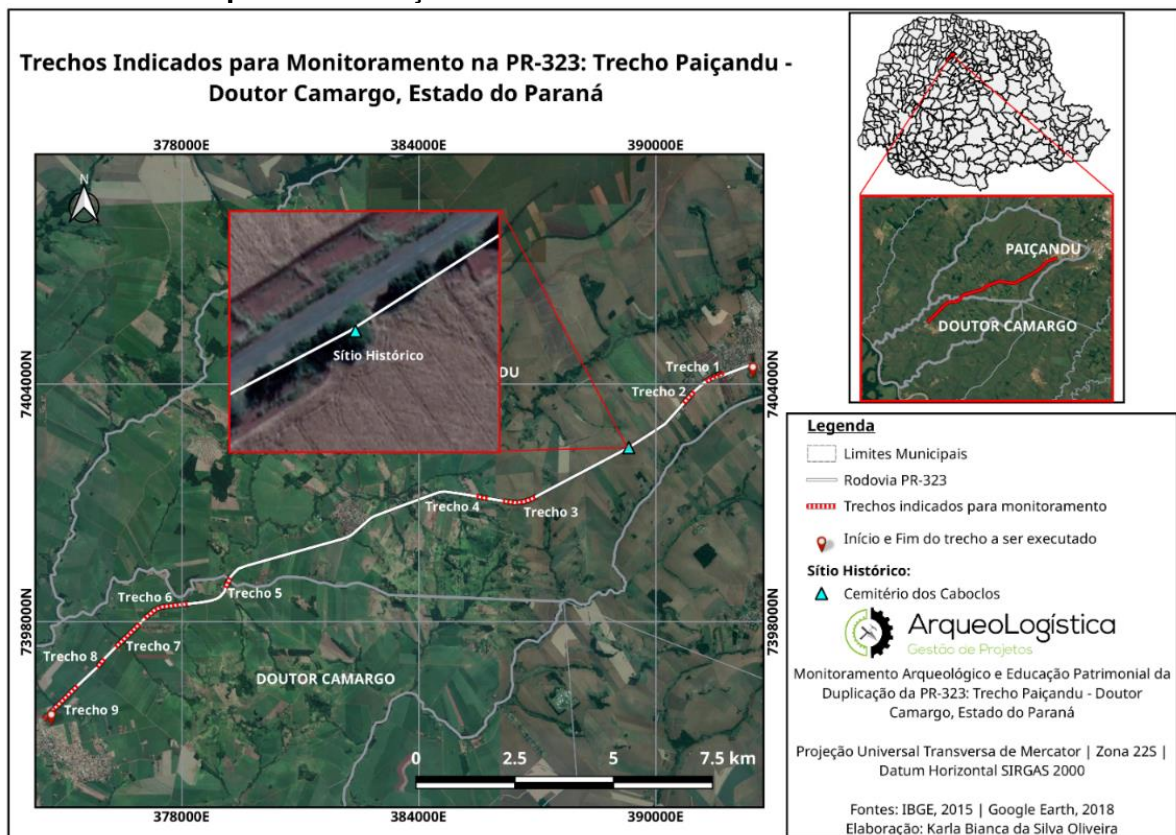
**Figura 2:** Croqui esquemático do Cemitério dos Caboclos.



Fonte: Relatório de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica (SAPIENZA, 2014).

O Mapa 2, a seguir, coloca em destaque a sua localização.

**Mapa 2:** Localização do sítio histórico Cemitério dos Caboclos.



Fonte: Projeto de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial – PR-323 – Trecho Paçandu-Doutor Camargo / PR, 2018.



### 3 CONTEXTO ETNO-HISTÓRICO

Promover um levantamento etno-histórico junto ao trabalho arqueológico, vêm no sentido de buscar um aprofundamento em relação aos contextos culturais e históricos vivenciados em uma dada região. Nesse sentido, procuramos nas próximas páginas, promover um levantamento sobre a etno-história do Paraná e região onde estão sendo executadas as obras de duplicação da PR-323, para buscar um aprofundamento do contexto regional, que nos permita um maior conhecimento e discussão sobre o patrimônio arqueológico identificado.

#### 3.1 Levantamento Etno-Histórico do Paraná

Tratar a etno-história do Paraná nos leva, em primeiro lugar, a falar sobre as presenças indígenas na região. De acordo com o Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, de Curt Nimuendajú (1981), a região teria, sobretudo uma ocupação de povos Jê do Sul, historicamente conhecidos como Kaingang e Xokleng, de matriz cultural Macro-Jê. As populações Jê no sul do Brasil têm suas origens no Centro-Oeste do país e possui uma organização social:

[...] com sistemas duais, metades exogâmicas e seções hierarquicamente dispostas, uxorilocalidade, bem como em outros elementos sociais e políticos [...]. Os Kaingang, mais conhecidos até o momento, contêm outros elementos culturais comuns aos outros povos Jê centrais, a exemplo das relações entre as metades clânicas, trocas rituais e a pintura corporal (NOELLI, 2000, p. 241).

É possível também, traçar algumas afirmações em relação ao modelo de assentamento dessas populações, que podemos associa-las tanto a aldeias a céu aberto, quanto a abrigos-sob-rocha ou ainda sambaquis e casas semi-subterrâneas. Assim como afirma Noelli (2000), as populações Jê do Sul, eram e continuam a ser povos agricultores e, embora se tenha construído uma imagem de povos caçadores-coletores nômades, que passaram a adotar a agricultura com a posterior chegada dos colonizadores, são povos que passaram por diversas investidas sob seus territórios, tanto por parte de outros povos indígenas, quanto do próprios agentes coloniais.

Se por um lado, temos a narrativa colonial de que os povos Jê do Sul eram horticultores incipientes e atrasados na pesca (MÉTRAUX, 1930 apud NOELLI, 2000, p. 245), discurso interessado sobretudo em ocupar as terras indígenas e branquear a população, temos por outro lado os estudos históricos e etnográficos que: “[...] mostram





uma adaptação muito bem integrada aos variados ecótonos do Sul do Brasil, tanto no manejo agroflorestal quanto nas atividades de caça e pesca” (NOELLI, 2000, p. 245).

Dados arqueológicos, históricos e antropológicos apontam que entre 2.000 a 1.000 anos AP, os povos Guarani passaram a ocupar e invadir os territórios Jê, situados próximos aos grandes rios e principais afluentes, confinando-os nas terras mais altas e frias da Região Sul. Por volta de 700 ano AP, os Guarani passaram a ocupar a porção do litoral atlântico, empurrando os povos Jê, para o Planalto Sul-Brasileiro. Com o avanço das frentes brasileiras de colonização, já no século XX, as populações sofreram com ofensivas e conflitos que confinou em pequenas reservas indígenas.

Sobre as populações Guarani, podemos dizer que pertencem a um conjunto de populações de matriz cultural Tupi-guarani, que têm sua origem situada próxima a bacia dos rios Madeira-Guaporé, no sudoeste da Amazônia. Embora seja situada como um povo, é importante citar que os Guarani são populações diversas que apresentam características em comum, dentre elas língua, cultura material, tecnologia, subsistência, padrões adaptativos, organização sociopolítica, religião, mitos, o que não significa dizer que não apresentem variações étnicas.

Em relação a organização sociopolítica, pode-se dizer que “[...] tinham por base a estrutura complexa e a localidade do tipo *kindred*” (NOELLI, 2000, p. 248), quer dizer, “[...] famílias extensas compostas por várias famílias nucleares reunidas em torno de uma liderança política e/ou religiosa a partir de laços de parentesco que poderiam ser tanto sangüíneo, quanto político e/ou adotivo (NOELLI, 2000, p. 248).

Sobre as condições de adaptações ambientais e subsistência, pode-se dizer que as populações Guarani apresentavam uma autonomia relativa as ofertas do ambiente, já que “O sistema de manejo ambiental e a prática da agricultura nos mesmos moldes em outros povos Tupi da Amazônia (Balée 1994) permitiam manter uma estável capacidade de suporte e níveis adequados de alimentação” (NOELLI, 2000, p. 249).

Outro fator a ser considerado é relativo ao aspecto conquistador e assimilador dos Guarani em relação aos povos não-Guarani, que por meio de alianças e incorporações de outros povos, puderam se expandir e conquistar diversos territórios na atual região sul do Brasil. Além disso:





Pode-se perceber que os Guarani já estavam instalados nas bacias do Paranapanema, do Paraná, do Uruguai e do Jacuí ao redor de 2.000-1500 AP e, desde as datas mais antigas até as mais recentes, nota-se uma continuidade em cada uma destas áreas que só foi interrompida com a presença europeia a partir dos séculos XVI e XVII (NOELLI, 2000, p. 259).

No que se refere ao processo de colonização do atual território do Paraná, conhecida no período por Guairá, salienta-se que por conta do Tratado de Tordesilhas de 1494, que dividia os territórios descobertos ou a descobrir entre Portugal e Espanha, considerou-se esse território como pertencente a Espanha. Dito isso, podemos perceber que, os primeiros relatos e informações etno-históricas do território paranaense resultaram de expedições na porção que compreende o atual centro-oeste do estado. Essas expedições tinham por objetivo, a consolidação do território, que ocorrem a parir de Santa Catarina, utilizando-se caminhos indígenas conhecidos como Peabiru, ou ainda, subindo o rio da Prata (CHMYZ; MIGUEL, 1999).

Diversas expedições ocorreram na região entre 1515 a 1527, embora não tenham sido efetivas já que as populações indígenas presentes na região promoveram resistências as tentativas de entradas de colonizadores, o que fortaleceu a narrativa colonial de extermínio e subjugação dos povos e comunidades locais, entretanto, cabe destacar que em 1541 houve uma:

[...] expedição, conduzida por índios conhecedores dos caminhos, seguiu com 250 homens e 26 cavalos, para atingir o curso superior do Rio Iguaçu. A expedição de Cabeza de Vaca foi o primeiro grupo europeu a conhecer as Cataratas do Iguaçu, contando, para isso, com a ajuda dos índios que habitavam a região (ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2018, p. 30).

Em 1556 funda-se a comunidade espanhola de Ciudad Real sobre a aldeia indígena de Guairá, tendo sido elevada à categoria de sede da Província em 1600. Podemos citar também a fundação da última comunidade espanhola, intitulada Villa Rica del Spiritu Sancto, na foz do rio Corumbataí com o Ivaí. Em meio a esse processo de ocupação, houve uma forte presença da Igreja católica por meio da ação da Companhia de Jesus, que contava com quadros administrativos e funcionais, estabelecendo-se assim, “reduções organizadas” ou “colônias de naturais”, geridas por um clérigo, responsável pela catequização dos nativos.

Por conta das percepções divergentes entre Igreja e colonos, já que os primeiros viam os indígenas como almas a serem catequizadas e para os segundos como mão-de-obra a ser explorada, a Igreja passa, a partir de 1610, a estabelecer reduções jesuíticas de forma mais sistemática. Conforme demonstra Chmyz e Miguel (1999, p. 10):







A criação das reduções de Conceição de Nossa Senhora, São Pedro, São Miguel e Santo Antônio nas margens dos rios Piquiri, Ivaí e Tibagi dominadas pelos índios não-guarani, não prosperaram porque foram estabelecidas entre 1626 e 1628, quando se intensificaram as incursões portuguesas.

Nesse contexto, percebe-se também a investida que os bandeirantes Paulistas exerceram entre os anos 1629 e 1632, que acarretou no declínio das reduções jesuíticas na região do Guairá. A movimentação dos bandeirantes promoveu novas conjunturas econômicas e políticas, transferindo o Paraná para posse portuguesa. Sobre o domínio português, realizaram-se algumas incursões para o reconhecimento e conquistas de áreas denominadas como Sertão do Tibagi, que não foram efetivas, principalmente pelos conflitos gerados com as populações indígenas locais Jê, que passaram a ser intitulados como bugres.

Em ato do Governo Imperial foi emitida uma Carta Régia, em 1808, ao governo de São Paulo, que legalizava o morticínio a usurpação e o trabalho forçado através da violência, aos povos que não se submetessem ao domínio português.

A Carta ordenava que se principiasse a guerra contra as nações que se rebelassem ao jugo português e, que se organizassem milícias para esse fim. Também concedia aos milicianos ou mesmo aos moradores que aprisionassem os nativos o direito de utilizá-los segundo suas vontades pelo prazo de 15 anos (CHMYZ; MIGUEL, 1999, p.15).

Até 1853, quando ocorreu a emancipação do estado do Paraná, a realidade vivenciada era de controle e monopólio de terras por parte da oligarquia paulista do período. Com a emancipação política do estado, são fundadas colônias militares e aldeamentos indígenas no interior.

Com a Proclamação da República e a passagem dos revolucionários federalistas, a região passou por invasões e saques, que ocasionaram na fuga de parte dos habitantes, além disso, percebe-se um outro fator no abandono da região, gerado pela insegurança que a não legalização da posse da terra trazia. Buscou-se reverter esse quadro quando “[...] em 1889, o Governo do Paraná concedeu vastas extensões de terras, devolutas da União, no sudoeste do Estado, à grupos estrangeiros para a exploração da indústria do mate e da madeira” (CHMYZ; MIGUEL, 1999, p. 20).

A investida por parte do Estado durante o século XX, em relação a exploração e desenvolvimento econômicos do Paraná, não foram alcançadas, já que grande parte dos lucros ficavam em mãos estrangeiras e o processo de exploração predatória dos recursos naturais tornou-se cada vez mais acelerada, sendo conhecida por sistema de obrages.





No que tange o processo de ocupação da microrregião de Maringá, onde situa-se o município de Paiçandu, conhecida também como Novo Norte, trataremos a seguir, um breve histórico que nos permita conhecer contexto local.

## Município de Paiçandu (Paraná – PR)

Paiçandu possui uma área de aproximadamente 171,379 km<sup>2</sup>, fazendo divisa ao norte com Maringá e Mandaguaçu; ao sul com Floresta e Ivatuba; a leste com Maringá e a oeste com Dr. Camargo e Orizona. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), a cidade possui uma estimativa de 40.777 habitantes. Está inserida em um ambiente de planalto, com altitude média de 292 metros. Apresenta clima subtropical úmido mesotérmico, atingindo temperatura média anual em torno dos 18° C (IBGE, 2019).

Em relação ao histórico da cidade de Paiçandu, cabe dizer que se trata de um município relativamente recente, tendo sido emancipado de Maringá pela Lei Estadual n.º 4.245, de 25 de julho de 1960 e oficializada sua instalação em 1961. O novo norte do Paraná, como é conhecida a região onde se localiza o município de Paiçandu, passou por um plano de colonização, projeto da Companhia de Terras Norte do Paraná (atual Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP), que atraiu para a região um maior contingente populacional, que procurava terras férteis para o plantio de café e cereais presentes na região (FERREIRA, 1996; CARDOSO, 2007; REGO, 2013). O processo de desmembramento se deu, principalmente, pela implementação da linha férrea entre Ourinhos – Cianorte, na qual foi implementada a estação de Água Boa<sup>1</sup>, responsável pelo escoamento da produção local.

O surgimento de Paiçandu vem em decorrência do projeto de núcleo de urbanização do norte do Paraná, que abrange as cidades de Cianorte, Londrina, Maringá e Umuarama, desenvolvido pela CMNP.

Estas quatro cidades formam um eixo e constituem quatro polos centralizadores de cidades menores à sua volta, segundo o plano de ocupação proposto para as Regiões Norte e Noroeste do estado. O objetivo era formar uma rede de cidades implantadas a cada cem quilômetros, ligadas através da rede ferroviária, de modo a facilitar o escoamento da produção, e entre estas a cada 10 ou 15 km ficariam os

---

<sup>1</sup> Disponível em: < <http://paicandu.pr.gov.br/index.php?sessao=a4f5029416pva4&id=301> >. Acessado em 27/04/2019.





patrimônios, centros comerciais e abastecedores intermediários (FREITAS; SEIXAS; DALBERTO, 2016, p. 03).

Em decorrência de mudanças nas condições climáticas, em 1970, as lavouras de café foram dizimadas, ocasionando uma transformação na mão de obra local, que saiu do trabalho rural e migrou para a cidade, gerando um aumento populacional na região central do município. Após esse fator, a cidade passou por uma série de reestruturações, que ampliou não só as atividades rurais, mas também desenvolveu a indústria e o comércio (SAPIENZA, 2014).

Em relação ao topônimo da cidade, Rego (2013) atribui a uma origem Tupi, na qual teria por significado: *ilha do padre* ou *ilha do pai*, embora também tenha uma relação com 'Payssandu', topônimo da cidade uruguaia, que tem seu nome derivado de uma fortaleza onde se travou uma batalha durante a Guerra do Paraguai. Além disso, cabe dizer que em diversos meios de comunicações oficiais, como o site da prefeitura de Paiçandu<sup>2</sup>, ou outros veículos que promovem a disseminação de informações sobre o município<sup>3</sup>, sempre citam a existência do sítio "Cemitério dos Caboclos", registrado como sítio histórico e associado a ocupação indígena e de grupos afro-brasileiros, tendo sido apropriado e ressignificado pela população ao longo do tempo (SAPIENZA, 2014). Destaca-se além desse sítio, outros dois patrimônios locais.

- **Capela de Nossa Senhora das Graças:** De acordo com a Prefeitura Municipal de Paiçandu<sup>4</sup>, a capela está localizada a 4,5 km do município de Paiçandu, na estrada Marilá no lote 132.

Este foi o primeiro templo da região construído em alvenaria, com o passar do tempo e devido à ação da natureza este atrativo deteriorou-se, ficando em estado precário de conservação. Percebendo a importância do templo para a comunidade do Marilá, tais moradores se uniram para reformar a capela. As características foram mantidas e, hoje, este monumento fica fechado durante a semana, sendo aberto somente para a celebração de missas no quarto domingo do mês (PREFEITURA MUNICIPAL DE PAIÇANDU, 2019).

Sobre a Capela de Nossa Senhor das Graças, é necessário citar que, por meio de entrevista coletada pela equipe da Sapienza (2014), com a interlocutora Joana da Costa Bolognesi, foi possível identificar que essa capela teria sido construída primeiramente em madeira, na localidade do Cemitério dos Caboclos, por João Bolognesi (sogro de Dona

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://paicandu.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1247>>. Acessado em 27/04/2019.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/paicandu/historico>>. Acessado em 27/04/2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://paicandu.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368pvb0&id=290#>>. Acesso em 27/04/2019.





Joana), de acordo com Dona Joana a capela “[...] ficava no fundo do cemitério, perto de onde está a gruta hoje. Ali o pessoal ia rezar fazia tipo uma festinha, tudo isso antes de existir Paiçandu. Era tudo mato. Maringá ainda era muito pequena” (SAPIENZA, 2014, p. 274). A interlocutora relata que a capela teria sofrido incêndios propositais, embora não tenham identificado os responsáveis e que, na segunda tentativa da construção da capela, teriam novamente ateado fogo na construção, fazendo com que o Senhor João Bolognesi desistisse da obra.

Em trechos da entrevista, Joana da Costa Bolognesi diz:

[...] meu sogro (João Bolognesi) fez uma igrejinha de madeira lá no local, tinha todos os santos, a gente rezava lá. Tinha outras pessoas que saíam daqui da comunidade e iam até lá fazer a procissão de Nosso Senhor Morto. Tinha a dona Luzia Françoso não sei se tu chegou a conhecer, ela vinha daqui e o povo ia de lá. Por que naquele tempo a gente morava do lado de lá da faixa. [...] Eles queimaram essa igreja com os santos e tudo. Só ficaram uns santinhos que não queimaram. Depois meu sogro começou a fazer de novo a igreja, mas antes dele terminar foram lá e queimaram ela de novo. Aí ele desistiu [...] Até hoje a gente não sabe, quando a gente viu ela já estava pegando fogo. Teve um santo que a gente conseguiu recuperar, está aqui em casa o meu santinho. São Sebastião. O está aqui o santinho, ele ficou um pouco queimado [...] (SAPIENZA, 2014, p. 274).

Após a desistência da construção da capela na localidade do Cemitério dos Caboclos, houve a construção em alvenaria, na localidade atual.

**Figura 3:** Capela Nossa Senhora da Graça - Marilá



Fonte: Acervo pessoal – Paula Marino (2013).







- **Estação Ferroviária de Água Boa:**

A estação de Água Boa foi aberta em 1958 como ponta de linha. De estilo construtivo bem mais antigo que as estações finais da linha, a estação de Água Boa dá uma boa ideia do tempo que a ponta da linha estacionou por ali. É a última estação do trecho que conta com uma caixa-d'água. Pelo visto, as locomotivas a vapor não passaram daqui. De resto, muita depredação e abandono, com alguns trechos da cobertura já ameaçando desabar. Em 2010 ainda circulavam muito raramente veículos de manutenção da ferrovia, provavelmente apenas para capina química. Em 2016, entende-se que não há mais qualquer tráfego ferroviário após a estação de Maringá (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL, 2019<sup>5</sup>).

**Figura 4:** Ferroviária de Água Boa em 2010.



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil (2019).

**Figura 5:** Ferroviária de Água Boa em 2013.



Fonte: Acervo pessoal – Paula Marino (2013).

<sup>5</sup> Disponível: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-spp/aguaboa.htm>>. Acesso em 27/04/2019.





## 4 LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO

A presente caracterização e levantamento arqueológico da região Sul do Brasil, em especial do Estado do Paraná e respectivamente da cidade de Paiçandu, vêm, em primeiro lugar, da compreensão da Arqueologia como área de conhecimento contextualizada, ou seja, um conhecimento não só embasado no estudo dos vestígios materiais do passado, mas permeado por levantamentos históricos, antropológicos, geográficos, das ciências biológicas e exatas, quando necessário. Essa característica transdisciplinar da arqueológica (REIS, 2002), quer dizer, essa capacidade de troca entre diversas áreas do conhecimento, possibilita a arqueologia aprofundar o entendimento não só sobre o passado de um povo, mas fomentar, por meio destes conhecimentos adquiridos, modificações no presente, principalmente no envolvimento das comunidades detentoras destes patrimônios nos estudos e levantamentos dos bens culturais, como também na preservação, conservação e salvaguarda destes patrimônios.

Nesse sentido, apresentamos uma contextualização dos estudos arqueológicos da região, que nos permita, sobretudo, caracterizar e discutir o sítio “Cemitério dos Caboclos”, localizado às margens da rodovia PR-323, nas coordenadas UTM 22K 389314/7402396.

### 4.1 Levantamento Arqueológico da Região Sul do Brasil

De acordo com o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do IPHAN, a região Sul do País possui um total de 7.348 sítios arqueológicos identificados, sendo 1.862 no Estado do Paraná, 1.754 em Santa Catarina e 3.732 no Rio Grande do Sul. O fato de a região Sul possuir o maior número de sítios arqueológicos cadastrados no Brasil<sup>6</sup>, pode estar associado, entre outras causas, aos mais de 140 anos de estudos e pesquisas arqueológicas na região (NOELLI, 2000).

O artigo intitulado “*A ocupação humana na região Sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas (1872-2000)*” de Francisco Noelli (2000), nos fornece um importante panorama sobre o desenvolvimento da arqueologia no Sul do país, onde nos apresenta que as datações sobre a ocupação humana da região alcançam os 12.000 anos antes do presentes (AP). Podemos também discutir as principais perspectivas teóricas sobre a

---

<sup>6</sup> Norte: 4.345; Nordeste: 6.064; Centro-Oeste: 3.363; Sudeste: 5.128.





ocupação humana, apresentadas pelos pesquisadores ao longo destes anos, tendo sido as concepções do Darwinismo social, uma das que norteou boa parte do início das pesquisas da região, isso significa dizer que, o entendimento de cultura para aqueles que estudavam a materialidade passada, era uma concepção evolucionista, na qual se acreditava que as populações, em especial os povos indígenas e comunidades tradicionais passariam de um estado de “primitivismo”, a uma superação rumo a civilização, considerado pelo projeto colonial e em grande parte pelo Estado Republicano, como o caminho a ser trilhado pelos povos e comunidades, que de alguma forma, apresentassem traços distintos daqueles estabelecidos pela política estatal (FERREIRA, 2005).

Além disso, podemos citar a relevância que os estudos dos Sambaquis e dos conjuntos cerâmicos tiveram para a proposição de tradições arqueológicas, estas por sua vez, possibilitaram a identificação desses vestígios e a proposição de teorias sobre a ocupação humana do sul do país. Grande parte dessas teorias se centraram em identificar padrões de assentamento, ou ainda, em propor que as populações existentes em tempos pretéritos estavam submetidas a adaptações ecológicas ou inseridas em processos difusionistas. Nesse sentido, também é possível identificar a marcante presença histórico-cultural, que:

[...] parte do pressuposto de que cada nação compor-se-ia de um povo, um grupo étnico definido biologicamente, um território delimitado e uma cultura, pensada em termos de língua e tradições sociais. Tais elementos, uma vez isolados em homologias e tipologias, formariam o conceito de cultura arqueológica: um conjunto de artefatos semelhantes, datados num período específico, representantes de um povo, de uma cultura, de um território (FERREIRA, 2005, p. 418).

Essa perspectiva teve seus impactos no sentido de reduzir o conceito de cultura e em muitas vezes, homogeneizar processos socioculturais complexos o que invisibilizou as narrativas das populações afetadas. Nesse contexto se insere também a discussão sobre a divisão entre arqueologia pré-histórica e arqueologia histórica, já que esta categorização, advinda de influência estrangeira, passou a dividir os vestígios materiais antes da colonização daqueles pós-colonização.

Essa divisão considera a pré-história como um evento anterior a presença da escrita e respectivamente, o período histórico como os ocorridos pós-escrita, isso significa dizer que, essa concepção foi implementada no Brasil sem considerar as idiosincrasias dos processos culturais aqui vivenciados, além de ignorar o fato de que muitas comunidades mantiveram suas tradições na produção da cultura material, ou seja, não é possível falar,





necessariamente, de uma quebra entre materiais considerados pré-coloniais e pós-coloniais, mas sim, entender as dinâmicas sofridas nesses processos.

A discussão entre arqueologia pré-história e arqueologia história têm, além disso, outra problemática, que se refere a uma maior relevância dos estudos de pré-história em relação aos estudos de vestígios históricos. Esse desequilíbrio na importância dada as temáticas, vêm sendo trabalhada e questionada constantemente, principalmente com a existência de mais cursos de graduação e pós-graduação no país, como também, pela intensificação de pesquisas realizadas no âmbito dos trabalhos de arqueologia preventiva.

Cabe ressaltar que, embora a classificação da cultura material por meio de tradições seja passível de críticas (DIAS, HOELTZ, 2010), também representou um importante recurso para a compreensão e sistematização do conhecimento sobre o passado do país, além de se mostrar um importante recurso para a preservação e conservação dos bens coletados e resgatados em contextos de pesquisas acadêmicas ou em estudos de impacto ao patrimônio arqueológico. Sendo assim, é necessário destacar que:

Há registros arqueológicos que formam conjuntos distintos entre si, definidos como “tradição” pelos arqueólogos e que representam diversas populações. São conhecidas apenas as linhas gerais de cada conjunto, faltando indicadores de variabilidade que apontem para distintas etnicidades e outros diferenciadores de natureza biológica, linguística, histórica, sociológica e antropológica (NOELLI, 2000, p. 226-227).

Tendo em vista esse panorama, é importante destacar que o entendimento sobre a ocupação humana na região Sul, está centrada no entendimento das populações caçadoras-coletores, grupos sambaquieiros e grupos ceramistas. Em geral, os grupos caçadores-coletores são definidos por meio de conjuntos artefatuais líticos, subdivididos pelas Tradições Arqueológicas Umbu, Humaitá, Bituruna e Sambaquieira, no geral as populações pré-ceramistas são associadas como nômades.

Em relação as populações ceramistas, construiu-se uma definição destas como povos de assentamentos fixos ou semifixos, no qual haveria a domesticação de plantas e sedentarização. Deve-se, entretanto, compreender que esse entendimento sobre as populações pré-coloniais não corresponde, necessariamente, com as subdivisões arqueológicas, já que estas estiveram preocupadas em distinguir as questões morfológicas dos conjuntos tecnológicos.







Sendo assim, a ocupação humana no Sul do país, pode ser definida, primeiramente por uma primeira leva de habitantes caçadores-coletores pré-ceramista, relacionados as tradições Umbu e Humaitá com ocupação datada entre 12.000 anos AP. Além disso, destaca-se uma segunda leva de ocupação, que estaria relacionada as comunidades ceramistas Tupi e Macro Jê, com datação de 2.500 anos AP, que de acordo com Noelli (2000) teriam trazido outros modelos de organização sociopolíticas, econômicas e de manejo agroflorestal baseados na adaptabilidade, conseguindo dessa forma, um domínio sobre as principais bacias hidrográficas da região.

Seguindo as considerações do autor, as populações ceramistas teriam conseguido, por meio de processos de assimilação, expulsão ou extermínio, suplantando as populações pré-ceramistas, por volta dos 1.000 anos AP. Isso não significa dizer que, as populações que ocuparam este território anteriormente, não tenham sido responsáveis por grande parte do que se considera como “florestas antropogênicas” ou “matas culturais”, já que forma muito importantes no processo de dispersão e consolidação de espécies vegetais pelo Sul do país.

Partindo do entendimento de que as tradições definidas para se compreender os registros arqueológicos não esgotam o conhecimento possíveis de serem adquiridos com a materialidade, mas sim, nos fornecem um breve roteiro sobre o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no Sul do país, apresentamos a seguir, uma breve apresentação sobre essas as tradições arqueológicas associadas aos contextos paranaenses.

### **Tradição Umbu:**

Os vestígios arqueológicos associados a tradição Umbu são caracterizados pelas “[...] grandes pontas de projéteis pendunculadas e foliáceas, além de grande variedade de raspadores, elaborados principalmente sobre lascas, microlascas e lâminas, muitos deles confeccionados em sílexito” (PARELLADA, 2007, p. 164), assim como por: raspadores, furadores, percutores, talhadores, buris, grandes bifaces, lâminas polidas de machado, polidores e picões, que além de serem feitas em sílexito, também são encontrados em quartzo e em arenito silicificado (BUENO, DIAS, 2015). Essa tradição está presente em toda a região Sul do país, sul de São Paulo e Uruguai (NOELLI, 2000), culturalmente relacionada as populações do Pampa e da Patagônia argentina (DIAS, HOELTZ, 2010), já que:





[...] ausência nos sítios brasileiros de pontas de projétil do estilo rabo de peixe permite sugerir que a Tradição Umbu pode estar relacionada a primeira ocupação dos vales fluviais do centro da América do Sul, atingindo a porção leste do continente através da Bacia do Prata (BUENO, DIAS, 2015).

As populações associadas a tradição Umbu são consideradas como caçadoras coletoras especializadas na exploração de áreas de campo ou de zonas de ecótono entre o pampa e floresta (DIAS, HOELTZ, 2010) e de acordo com Parellada (2007), essas populações habitavam áreas altas, como os topo de colônias e morros, o que lhes propiciava uma ampla visibilidade e controle da paisagem. A presença desta tradição se situa entre 12.000/10.000 a 1.000 AP (NOELLI, 2000).

Por mais que a tradição Umbu esteja associada a presença marcante de pontas de projéteis, não é possível desconsiderar o que apontam as autoras Dias e Hoeltz (2010, p. 57), no caso de:

[...] sítios em abrigo sob rocha que apresentam petróglifos da fase Canhemborá, associados ao vale do rio Jacuí, no Estado do Rio Grande do Sul. Embora as pontas de projétil sejam pouco significativas em termos quantitativos nas coleções líticas destes sítios, a análise comparativa da organização tecnológica e dos estilos rupestres com contextos contemporâneos permite a percepção de que se trata de locais de atividade específica e de natureza simbólica associados ao complexo situacional de sítios que compõem os modelos de sistema de assentamento da Tradição Umbu.

Em relação as condições de subsistência dos grupos associados a tradição Umbu, podemos, de modo geral, dizer que a alimentação se baseava em mamíferos, aves, répteis, peixes e moluscos, além de cocos, palmeiras e outros vegetais presentes na região Sul. Também é possível indicar sobre essas populações, que a construção de túmulos, possível servido originalmente para definição de territorialidades e exploração de áreas.

### **Tradição Humaitá:**

A tradição Humaitá, assim como a tradição Umbu, está presente em quase toda a região Sul do país (com exceção do sul do Rio Jacuí) e tendo datações de ocupação muito similares as da tradição Umbu,  $\pm$  8.000 AP. A grande questão que envolve a distinção entre essas duas tradições, está relacionada a uma proposição de Megger e Evans (NOELLI, 2000), que passou a associar a tradição Umbu a produção de pontas de projeteis e a tradição Humaitá aos grandes artefatos bifaciais.





Essa divisão, além do pressuposto de que as populações associadas a tradição Umbu ocupavam principalmente as área de campo e as populações associadas a tradição Humaitá se valiam da ocupação de florestas, continuam a ser questionadas e verificadas em pesquisas atuais sobre as populações do Sul do Brasil, não sendo possível realizar uma distinção tão restrita e limitante para esses grupos, já sua produção de matérias em muito se assemelha, como aponta Noelli (2000, p.).

[...] na Tradição Umbu os artefatos bifaciais são confeccionados basicamente sobre seixos e lascas unipolares, com tamanhos de pequenos a médios e cobertos por superfície natural em até 1/3 ou mais de sua área. Na Tradição Humaitá os artefatos bifaciais foram confeccionados a partir de blocos com tamanhos variando de médios até extra-grandes, cobertos por superfície natural em até 2/3 ou mais de sua área. Já os resíduos de lascamento não apresentaram aspectos que evidenciassem distinções entre as tecnologias Umbu e Humaitá, revelando serem muito semelhantes.

Ao recorrer a uma caracterização mais generalista, que nos permita englobar a materialidade da tradição Humaitá, é possível dizer que há uma alta diversidade tipológica em termos regionais, justificando assim, a existências de 22 fases arqueológicas. A variabilidade atribuída a essa tradição, pode ser associada as diferentes estratégias de uso do espaço regional que foi compartilhado ao longo do Holoceno por distintas sociedades caçadoras coletoras e agricultoras (DIAS, HOELTZ, 2010).

A maioria dos sítios arqueológicos associados a esta Tradição são superficiais e a céu aberto e as matérias-primas utilizadas são, em geral aquelas disponíveis nas proximidades dos assentamentos, como as rochas vulcânicas e o arenito silicificado. Em relação aos artefatos produzidos, pode-se dizer que são feitos a partir de núcleos ou de lascas de grandes dimensões, sendo menos frequente a produção a partir de seixos e que a técnica de lascamento empregada, no geral é a percussão direta, tendo poucas ocorrências de lascamento bipolar ou de retoques por percussão direta, sendo essa definições atribuídas por uma perspectiva histórico-cultural já discutida anteriormente (DIAS, HOELTZ, 2010).

Nas regiões onde são identificados materiais arqueológicos associados a tradição Humaitá, observou-se a presença de sítio cerâmicos, tidas como **Tradição Itararé-Taquara**, que correspondem as populações Jê do Sul. Os sítios cerâmicos provenientes destes contextos são considerados, muitas vezes, como uma continuidade da tradição Humaitá, no entanto, essa afirmativa é considerada por Noelli (2000), como errônea, já que



se limitam a reprodução de um discurso difusionista, ou seja, afirma que as populações pré-ceramistas da tradição Humaitá teriam sido incorporadas pelas populações ceramistas Jê.

Ainda assim, a critério de caracterização, e levando em consideração o vínculo entre esses distintos registros materiais, podemos dizer que as cerâmicas enquadradas como tradição Itararé-Taquara:

[...] apesar de apresentarem tamanhos em geral reduzidos, sugerem um grande domínio técnico, que resulta numa eficiente economia de matéria-prima e em vasilhames bastante leves. A superfície escura, característica da cerâmica, seja ela conseguida por queima controlada (Dias Jr. apud Schmitz et al., 1980:44) ou pela técnica de esfumamento (Miller Jr., 1978:28), que resulta em superfícies escuras, é um processo complexo (ARAÚJO, 2007, p. 19).

## 4.2 Levantamento Arqueológico do Paraná

Ao tratar sobre o contexto de pesquisas arqueológicas realizadas no Estado do Paraná, é importante ressaltar que elas se iniciaram ainda no século XIX, por meio de trabalhos de amadores, naturalistas e/ou pesquisadores de outras áreas das ciências. Esses trabalhos, em grande parte, geraram registros e escavações pontuais a fim de compor acervos e coleções de instituições e museus (ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2018).

Esse cenário, no entanto, passou por uma modificação na metade do século XX, impulsionado por uma série de fatores, o primeiro deles estaria relacionado ao crescente reconhecimento da importância do patrimônio arqueológico, dentre eles os sambaquis do litoral paranaense. Além disso, é possível perceber que, a criação do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná (CEPA-UFPR), representou a institucionalização da arqueologia acadêmica no estado.

A criação do CEPA, possibilitou, também, a execução de cursos direcionados a profissionalização do arqueólogo, contando com a presença de pesquisadores como: Wesley Hurt em 1958, Joseph e Anette Laming-Emperaire em 1960 e 1962, bem como Clifford Evan e Betty Meggers em 1964. Acrescenta-se a esse cenário, os projetos e relatórios técnicos de arqueologia e Etno-história, iniciados em meados dos anos 1960, tendo como principal expoente o pesquisador Igor Chmyz.

No que se refere as informações arqueológicas da região, é possível perceber os relatos do naturalista Juan B. Ambrosetti, por volta de 1890, que identificou artefatos





cerâmicos como urnas funerárias, além de materiais líticos como lâminas de machados, mãos de pilão, pedras lascadas e pontas de projéteis, materiais que foram alocados no Museo de La Plata, na Argentina (ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2018).

O cenário sobre o surgimento e ampliação das pesquisas arqueológicas no estado do Paraná nos servem de guia para compreender o contexto arqueológico da região. Isso significa dizer que, os sítios e materiais identificados são múltiplos e diversificados, o que nos permite ampliar a discussão anterior, sobre a ocupação pré-colonial, na qual é marcante a presença dos grupos pré-ceramistas, associados em grande parte a tradição Umbu e Humaitá, ou de grupos ceramistas, associados a povos Jê do Sul e Guarani.

Cabe, em primeiro lugar, destacar que a datação mais recuada para o estado, pertence a um sambaqui da tradição Umbu, com  $\pm 9.000$  anos AP, proveniente do sítio Ouro Verde I (PERELLA, 2005; 2008). Nesse sítio também foram evidenciadas 500 gravuras rupestres, além das datações mais recentes de cerâmicas associadas a tradição Itararé-Taquara que chegam aos 300 anos AP. A tabela a seguir traz o panorama das datações mais recuadas para o estado.

**Tabela 1:** Datações mais antigas de sítios arqueológicos no Paraná.

| Nº | Sítio arqueológico, localidade e/ ou nível amostrado | Vale de rio, e/ ou município PR | Tradição | Nº da amostra | Data C14 anos (BP) | Referências bibliográficas |
|----|--|---------------------------------|----------|---------------|--------------------|----------------------------|
| 1  | Ouro Verde 1, quadra O, nível 42cm                   | Baixo Iguaçu                    | Umbu     | ANU-192-17    | 9040 $\pm$ 400     | Parellada, 2005            |
| 2  | PR NL 8, entre 5 e 50cm                              | Baixo Paranapanema              | Umbu     | SI-6401       | 8115 $\pm$ 80      | Chmyz & Chmyz, 1986        |
| 3  | Abrigo, Ponta Grossa                                 | Ponta Grossa                    | Umbu     | SI            | 7.850              | Chmyz                      |
| 4  | PR-FI-21, quadra D, entre 40 e 60cm                  | Rio Paraná, Guaíra              | Humaitá  | SI-4994       | 6910 $\pm$ 75      | Chmyz, 1983                |
| 5  | PR AP 45, entre 60 e 90cm                            | Baixo Paranapanema              | Umbu     | SI-6498       | 6.715 $\pm$ 135    | Chmyz & Chmyz, 1986        |
| 6  | José Vieira  | Médio Ivaí, Guaporema           | Humaitá  | Gsy-78        | 6683 $\pm$ 355     | Laming-Emperaire, 1968     |
| 7  | Ramal, litoral                                       | Morretes                        | Sambaqui | SI-1573       | 6540 $\pm$ 105     | Garcia, 1979               |
| 8  | PR-FI-21, quadra B, entre 60 e 75cm                  | Rio Paraná, Guaíra              | Humaitá  | SI-5993       | 6505 $\pm$ 105     | Chmyz, 1983                |
| 9  | PR-FI-21, quadra B, entre 40 e 60cm                  | Rio Paraná, Guaíra              | Humaitá  | SI-4992       | 6265 $\pm$ 80      | Chmyz, 1983                |
| 10 | Toninho da Recapadora, quadra 2, nível 56cm          | Baixo Iguaçu                    | Umbu     | ANU-192-18    | 6240 $\pm$ 250     | Parellada, 2005            |
| 11 | Porto Maurício, litoral                              | Paranaguá                       | Sambaqui | SI-509        | 6.030 $\pm$ 130    | Garcia, 1979               |

Fonte: PARELLADA, 2008, p. 122.





Nessa perspectiva, é importante destacar a variabilidade de sítios arqueológicos, citando em primeiro lugar os sambaquis, definidos por Parellada (2005, p. 30-31) como:

[...] acumulações artificiais principalmente de conchas de moluscos e gastrópodes, e em menor escala de ossos de animais, restos de dieta alimentar de povos que habitavam o litoral [...]. Deve ser destacado que a maior parte dos sambaquis é formada por diversas camadas arqueológicas, originadas por sucessivas ocupações de culturas muitas vezes distintas.

Os sítios sambaquis e de concheiros fluviais representam um importante patrimônio da região, que se estende por toda a costa do estado e comportam diferentes contextos de ocupação não só das populações pré-coloniais, mas também das comunidades e povos indígenas que, de acordo com Parellada (2007), teriam passado a ocupar os territórios por volta de 4.000 anos AP por conta da variação climática que ocasionaram mudanças ambientais.

Em relação as pinturas e gravuras rupestre no Paraná, Parellada (2007, p. 167) afirma que: “[...] são conhecidos cerca de 70 abrigos e cavernas com pinturas rupestres”, que estariam temporalmente inclusas no período pré-histórico e classificadas dentro das Tradições Planalto e Geométrica. A tradição planalto se caracteriza por pinturas feitas geralmente em vermelho e menos frequente em preto e amarelo, na qual apresenta figuras antropomorfos em associação a zoomorfos e signos não-figurativo, já a tradição geométrica é caracterizada por pinturas e gravuras não-figurativas.

No que se refere a discussão das populações ceramistas do Paraná, percebe-se que a definição da tradição Itararé-Taquara associado unicamente a uma produção cerâmica, reduz a diversidade presentes em sítios que apresentam também artefatos líticos, a exemplo de “[...] mãos de pilão, lâminas de machado lascadas ou polidas, talhadores, raspadores e lascas” (PARELLADA, 2007, p. 166), o que nos permite falar sobre os diversos contextos de ocupação, trocas e relações estabelecidas entre as populações ocupantes da região.

Ainda sobre as populações ceramistas do Paraná, destaca-se a presença da Tradição Tupiguarani, que apresentam uma cerâmica composta por bordas carenadas, ausência de contornos de abertura quadrangular e raros elementos elípticos, bordas extrovertidas com ponto angular interno e uma ampla diversidade de acabamentos plásticos. Os sítios associados a essa tradição também apresentam artefatos líticos como “[...] lâminas de machado polidas ou lascadas, adornos labiais em forma de “T” (tembetás),







lascas, raspadores, bifaces, polidores em canaleta e pingentes polidos perfurados” (PARELLADA, 2007, p.167).

A chegada dessa segunda leva de ocupação humana no Sul do país (NOELLI, 2000) também representou a presença de outro fenômeno na cultura material, que se refere as estruturas subterrâneas ou de casas subterrâneas.

As estruturas subterrâneas ocorrem em diferentes ambientes, mas são predominantes em regiões com invernos rigorosos predominantemente em grupos de 2 a 500-600 unidades com disposição irregular na maioria dos casos, exceto pelas casas de cerimônias ritualísticas. Apresentam formas circulares, ovais, retangulares, quadrangulares e em “D” com tamanhos oscilando de 1,80m a 20m. São construídas com diferentes matérias primas, madeira, pedra, adobe e ossos de baleia para paredes. A cobertura é construída com os mesmos materiais das paredes e peles, pranchas e turfa (DE MASI ARQUEOLOGIA, 2013).

Em relação aos contextos funerários identificados e associados aos povos pré-coloniais, pode-se dizer que:

As práticas funerárias constituem um problema em aberto, não resolvido pela abordagem do Pronapa e pelas precárias pesquisas feitas pelos historiadores. É comum atribuir a cremação dos mortos aos Xokleng e, aos Kaingang, o enterramento coberto por um montículo de terra com dimensões que podiam alcançar até 3 ou 4 metros de altura e diâmetros de até 50 metros. Os Kaingang mantiveram sua tradição até poucas décadas atrás, construindo montículos sobre seus enterramentos. As evidências arqueológicas indicam que a cremação Xokleng passou a ocorrer devido à desterritorialização e à constante mobilidade causada pela conquista tanto ao tempo dos Guarani quanto dos brancos (NOELLI, 2000, p. 243).

Nesse sentido, é possível notar também que nos “[...] assentamentos do litoral catarinense e paranaense atribuídos à Tradição Itararé, principalmente os datados entre 300 e 1.000 AP [...] os corpos eram enterrados sem cremação, em cemitérios (NOELLI, 2000, p. 243).

Embora essa tenha sido uma apresentação breve dos contextos arqueológicos paranaense, buscou-se destacar a relevância e a importância do acúmulo de pesquisas produzidas na região, além da diversidade do patrimônio arqueológico, o que nos permite aprofundar o conhecimento local e buscar associações ou contrapontos com os dados coletados em campo.

Nesse sentido, trataremos no próximo tópico, uma breve contextualização da arqueologia da região onde está onde ocorrerá a duplicação da PR 232, bem como uma apresentação do sítio “Cemitério dos Caboclos” onde também estará presente uma discussão sobre arqueologia histórica.





### 4.3 Contexto Arqueológico da Região de Paiçandu

A contextualização arqueológica proposta anteriormente, veio no sentido de apresentar um panorama que nos permita discutir o cenário local na qual ocorrerá a duplicação da PR 323, em especial do município de Paiçandu. Sendo assim, é importante destacar que a região onde está situado o município de Paiçandu, se encontra próxima ao Rio Ribeirão Paiçandu, pertencente a bacia hidrográfica do baixo Ivaí, área na qual foram realizados levantamentos arqueológicos anteriores e possibilitaram algumas discussões no tocante a ocupação humana da região (CHMYZ, 1969).

Ressalta-se também as informações obtidas por meio do Relatório final de Diagnóstico e prospecção arqueológica na área de duplicação, restauração, manutenção, conservação e operação do corredor da PR- 323, entre Maringá e acesso a Francisco Alves (SAPIENZA, 2014), na qual foi identificado e mapeado o sítio ‘Cemitério dos Caboclos”, bem como outros dois sítios arqueológicos presentes no trecho de duplicação da PR 323.

As informações obtidas por meio deste relatório, bem como aquelas levantadas junto ao CNSA, nos permitem apresentar a tabela a seguir, na qual consta os sítios arqueológicos das cidades limítrofes a Paiçandu.

**Tabela 2:** Sítios Arqueológicos registrados na região de Paiçandu.

| SÍTIO ARQUEOLÓGICOS – MUNICÍPIO LIMITROFES Á PAIÇANDU: |                           |                             |                                   |                      |
|--|---------------------------|-----------------------------|-----------------------------------|----------------------|
| MUNICÍPIO  | NOME DO SÍTIO             | MATERIAL ARQUEOLÓGICO       | TRADIÇÃO ARQUEOLÓGICA             | INSERÇÃO NA PAISAGEM |
| Maringá  | Ribeirão Keçaba Guarani   | Sítio Pré-colonial cerâmico |                                   |                      |
| Maringá  | Loma 6                    | Sítio Pré-colonial lítico   |                                   |                      |
| Mandaguaçu   | Nenhum sítio identificado |                             |                                   |                      |
| Ivatuba  | Nenhum sítio identificado |                             |                                   |                      |
| Ourizona   | Nenhum sítio identificado |                             |                                   |                      |
| Doutor Camargo   | Primeira ponte            | Sítio lítico.               | Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí. | Sítio a céu aberto.  |
| Doutor Camargo   | Fazenda Santa Rita I      | Sítio lítico.               | Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí. | Sítio a céu aberto.  |







|                |                       |   |                                      |                     |
|----------------|-----------------------|---|--------------------------------------|---------------------|
| Doutor Camargo | Fazenda Santa Rita II | Sítio cerâmico.   |                                      | Sítio a céu aberto. |
| Doutor Camargo | Restaurante Ivaí I    | Sítio cerâmico.   | Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara. | Sítio a céu aberto. |
| Doutor Camargo | Restaurante Ivaí II   | Sítio cerâmico.   | Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara. | Sítio a céu aberto. |
| Doutor Camargo | Primeira corredeira   | Sítio cerâmico.   | Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara. | Sítio a céu aberto. |
| Doutor Camargo | Segunda corredeira    | Sítio cerâmico.   | Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara. | Sítio a céu aberto. |
| Doutor Camargo | Corredeira da Égua I  | Sítio cerâmico.   | Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara. | Sítio a céu aberto. |
| Doutor Camargo | Corredeira da Égua II | Sítio cerâmico.   | Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara. | Sítio a céu aberto. |
| Doutor Camargo | Ruínas                | Sítio histórico e cerâmico.   |                                      | Sítio a céu aberto. |
| Doutor Camargo | Doutor Camargo I      | Sítio lítico pré-histórico da tradição Humaitá.   |                                      |                     |
| Doutor Camargo | Doutor Camargo II     | Sítio multicomponencial com a presença de material lítico lascado da tradição Humaitá, material cerâmico Guarani e material construtivo como: telhas, vidro, tijolos, todos em um mesmo ambiente. |                                      |                     |

Fonte: CNSA/SGPA – IPHAN.





## 5 PROCESSO DE OCUPAÇÃO DE PAIÇANDU E SUA RELAÇÃO COM O CEMITÉRIO DOS CABOCLOS

Por meio de levantamento documental e bibliográfico, constatou-se que pouco se relatou e discutiu em relação a ocupação humana da região de Paiçandu, bem como sobre o Cemitério dos Caboclos. Dentre os poucos registros identificados, percebe-se uma construção histórica associada a uma conquista colonial vitoriosa, que mascara o espólio e violência praticados contra as comunidades que ali viviam, como podemos observar nos seguintes trechos:

Por quase 200 anos nossa região permaneceu deserta e abandonada, após espoliações da bandeiras [sic] conquistadoras. Entretanto, há o registro de que um pequeno grupo de índios, muito primitivos, cuja etnia origina-se da tribo Tupi-Guarani, abrigava-se na cerrada mata pluvial-tropical, localizada entre os rios Ivaí e Piquiri, e, que dominavam a área de nosso município. Esta pequena nação, perto de 4.000 membros, conhecida como XETÁ, sobreviveu na área por quase três séculos, sendo obrigada a recuar com o desbravamento da área em 1955 e a consequente invasão dos cafezais (CIOFFI et al, 1995, p. 39).

Ou ainda:

Os Xetás ou Heta, a partir da década de 50, no noroeste do estado, foram drasticamente extintos no contato com o mundo civilizado, pelo avanço das companhias colonizadoras e em nome da imigração dos primeiros habitantes brancos, que buscavam novas oportunidades de progresso (CIOFFI et al, 1995, p. 41).

Embora a narrativa de ocupação humana da região, associada ao povo Xetá, tenha por base uma concepção evolucionista de cultura, como demonstrado no livro *Cianorte sua história contada pelos Pioneiros* – que constrói uma historiografia para a região noroeste do estado do Paraná – onde as autoras recorrem diversas vezes a uma classificação dessa comunidade indígena como primitivos e não-civilizados, não podemos desconsiderar que a produção de conhecimento histórico em relação aos povos e comunidades tradicionais esteve, em grande parte, associada a narrativa colonial, que passou a ser problematizada posteriormente, em decorrência das próprias lutas dos povos indígenas.

Essa percepção evolucionista e etnocêntrica de cultura, em relação as populações indígenas, dificultou a construção de um histórico mais detalhado sobre os povos habitantes da região noroeste do Paraná, entretanto, a critério de caracterização e buscando uma possível associação de populações pretéritas com a construção do Cemitério dos Caboclos,



traz-se uma breve discussão sobre a formação do povo Sutil, que será melhor apresentado a seguir.

A narrativa construída sobre o povo Sutil, os apresenta como uma população afro-brasileira que migrou ao Paraná após a Revolta dos Malês, ocorrida em 1835. A denominação Sutil, seria derivada do nome dos irmãos Sebastião e Miguel Subtil, considerados como sertanistas líderes do movimento de dispersão de populações afro-brasileiras sobreviventes da Revolta dos Malês, essa população teria suprimido o “B” do sobrenome, adotando dessa maneira o nome Sutil (BRAZIEL, 2016).

Por meio do texto: *Religiosidade e cultura afro-brasileira no Paraná: olhar bibliográfico sobre o povo Sutil (séc. XX)*, encontra-se a seguinte caracterização sobre essa população : “[...] nômades, [que] não se fixavam em um único lugar, viviam se locomovendo pelas florestas, produzindo tudo que necessitavam, pois eram hábeis artesãos, criavam porcos, etc.” (BRAZIEL, 2016, p. 37). Um segunda caracterização também se torna relevante para a reflexão deste relatório, onde aponta que: “Nos deslocamentos pelas florestas paranaenses, entraram em contato e cruzaram com os índios guaranis, formando famílias entre si, do cruzamento entre os sutis e os indígenas, surgiu o ‘Caboclo Sutil’” (BRAZIEL, 2016, p. 37).

O encontro entre o povo Xetá e os Sutil, foi associado a falta de adaptação climática a região leste do Paraná, levando-os a procurar as regiões mais quentes do noroeste do estado, local onde os povos Xetá se encontravam.

Nesse relacionamento comunitário, o “Povo Sutil”, uniam-se entre si. Formavam famílias, unindo-se, entre primos, tios e sobrinhos; fator que concorrem para “Afinidade Consanguínea”, devido as uniões entre parentes (RODRIGUES, 2012, p. 299, apud BRAZIEL, 2016, p. 40).

A ligação entre os povos indígenas Xetá e a população afro-brasileira, na narrativa histórica, apresenta dois grupos perseguidos e marginalizados pelo processo colonial e posterior avanço e expansão do Estado, o que significa dizer, que, visando sua proteção e sobrevivência dos grupos, essas populações criaram alianças e estratégias entre si, fomentando um modo de vida e costumes próprios.

Cabe destacar também, o depoimento de Antonio Afonso Subtil, descrito por Cioffi (et al, 1995, p. 50) como remanescente Sutil, no qual retrata outros aspectos culturais dessa



população, além de reforçar, por meio do sobrenome do interlocutor, a hipótese da unificação entre as populações indígenas e afro-brasileiras, que formariam os Sútis.

Éramos mais de 40 famílias, vindas do Ivaí, para Peabiru, vivendo no sertão da Companhia ... Vivíamos de plantação de cana e pesca ... Não tinha escola, nem médicos ... Remédio era tirado do mato, casca de pau, garrafadas para curar malária. Nós fazíamos farinha de milho, usando um monjolo tocado à água. O engenho era para fazer rapadura, pois não se comprava açúcar. Tinha casa com 10 ou 12 sacos de farinha encostados no canto da casa. Comíamos a farinha de milho, biju, com feijão e arroz. [...]. Eu tinha 12 anos quando morava em Japurá [...]. De lá viemos para Tuneiras e meu pai abriu Cuaraitava. Ele tinha 160 porcos quando morreu. Meu pai era o líder ... Ele mandava naquela turma, se tinha alguma coisinha, ele que acertava tudo. O casamento era feito sempre entre casais do próprio grupo [...]. À noite fazíamos fogueira e assim ficávamos contando casos a noite inteira. Ninguém ficava doente, se ficava, cozinhava uma casca de pau e tomava, bebia uns goles, ficava bom.

A relação histórica entre o povo Sutil e o Cemitério dos Caboclos foi retratada pela população que passou a ocupar esse território, como percebe-se no trecho da entrevista com Wilsom Ferreira Varella:

Tinha uma chácara que se chamava CEMITERIO DOS CABOCLOS, perto de Maringá. Lá eles faziam sepultamento diferente do sistema que conheço. Levavam o defunto no caixão, mas punham dentro da sepultura o corpo e caixão por cima. Era o costume. Onde tinha o cemitério havia um bruxo que morava. Em direção ao cemitério tinha vários picadões que formavam um triângulo e que convergia no cemitério (CIOFFI et al, 1995, p. 48).

Esse breve relato, também apresenta outras observações sobre o modo de vida dos Sutil. Nessas observações, o Sutil é retratado como um povo pacífico, organizado politicamente ao redor de uma figura central, interpretado por Wilsom como o Cacique do grupo. Além disso, essa entrevista também aponta que os Sutil realizavam contatos periódicos com os novos ocupantes da região, a procura de outros produtos e alimentos diversos, além de ter entre os seus a presença de brancos, já que para Wilsom: *“Eles eram uma mistura e tinha um inglês entre eles”* (CIOFFI et al, 1995, p. 48). Para Wilsom, o parentesco entre os Sútis seguia uma estrutura diferente, como percebe-se no seguinte trecho: *“Eram vários grupos. Todos eram compadres. Ali tinha casamento entre primos, uma grande mistura”* (CIOFFI et al, 1995, p. 48). Ao final de seu relato, Wilsom Ferreira Varella diz:

Os caboclos Sútis eram assim ... Quando faziam mudança de um ponto para outro ou iam passar de um patrimônio para outro, a um ou dois quilômetros antes, eles armavam as barracas e faziam a sua comida. Antes de amanhecer eles saíam, para não passar durante o dia dentro da cidade. Era um povo que não queria conversa, perguntas, secos. O chefe deles é que discutia, falava qualquer coisa, mas os outros não. Eram mesmo mudos. Não respondiam uma palavra, o cacique é que respondia as perguntas ... " (CIOFFI et al, 1995, p. 49).





Em outra entrevista registrada no livro sobre Cianorte, encontra-se um trecho, no qual o Sr. José Sebastião Pereira apresenta os Sutil como:

[...] caboclos que estavam se apossando da Companhia. A Companhia pagou a eles, indenizou-os, mas tirou eles de lá. Antes eles estavam perto do CEMITERIO DOS CABOCLOS, perto de Maringá, depois eles sumiram e a Companhia veio encontrá-los aí no fim do Copacabana, perto de São Tomé. Eles iam de São Tomé até Tuneiras a pé por uma picada. Embrenhavam-se 110 mato e iam fazer compras ... (CIOFFI et al, 1995, p. 47).

Na entrevista cedida por José Cardoso Pinto Sobrinho, os Sutil são retratados como:

Eu conheci os Sutilis ... eram caboclos, mas não eram índios. Moravam em ranchos, feitos de palmito, coberto de palha de arroz, sapé. Assim que se chegava perto deles, eles fugiam (CIOFFI et al, 1995, p. 47).

Dentre as narrativas presentes no projeto Resgate Cultural, que posteriormente fomentaria a obra sobre os pioneiros de Cianorte, é possível perceber que o momento da chegada da Companhia de Terras do Norte do Paraná causou uma significativa transformação na ocupação da região, tendo gerado dessa forma, diversos impactos na vida dos Sutil.

[...] exerceram grandes influências no desaparecimento do povo sutil no território Paranaense. Destruíram suas habitações e plantações, em meio as florestas do Paraná e foram empurrando-os para outras regiões, até o total desaparecimento e esquecimento, da existência do “povo sutil”, ao longo do território Paranaense (RODRIGUES, 2012, p. 209 apud BRAZIEL, 2016, p. 40).

Por meio de um trecho do relato de Helena de Moraes Barros é possível identificar outra perspectiva sobre o impacto causado ao povo Sutil:

À medida que a civilização ia chegando ia empurrando-os para mais longe, e era uma gente esquisita que se casou muito entre si, havia muita consanguinidade, uns tipos exóticos. Quem teve mais contato com eles foi o Sr. Wilson Ferreira Varella, porque tomava conta desta parte toda; ele fez amizade com os Sutilis e foi ele que comprava farinha - os Sutilis faziam farinha de mandioca e muito boa. Como ele ficou amigo deles, na hora que foi necessário tirá-los daqui para recolocá-los mais adiante, foi o

Sr. Wilson que entrou nas negociações e ajudou. Eles não se julgavam donos de nada. Eles eram livres, nômades e safristas. Safrista derruba o mato e vai para frente, como o índio. Só que eram como índios brancos que criavam porcos. Dizem que houve um tempo que eram em trezentos. Super pacíficos, gente muito tranquila, caboclos mesmo. Gente boa. Eles não estavam interessados em ficar dentro da civilização, porque eles não queriam comprar terras. Queriam derrubar o mato e ir prá frente, então, não havia motivo para eles chegarem à civilização. Não sei se há ainda restos dos Sutilis, porque naturalmente, acabando o mato, eles tiveram que fazer alguma coisa, e, provavelmente, estão aí misturados com todo mundo, principalmente, aí pro lado onde eles foram colocados, que deve ser prá frente de Cruzeiro ... eles usavam palavras próprias para designar coisas, aliás, dizem que o vocabulário deles era muito restrito (CIOFFI et al, 1995, p. 45).





Ainda sobre o processo de espólio sofrido pelas populações denominadas caboclos, da região, é possível identificar, na tese de doutorado de Nelson Dacio Tomazi (2000), a seguinte citação:

Cancián, Monteiro e Monbeig assinalam a presença de caboclos criadores de porcos na região, na época anterior à colonização, localizados ao sul do espigão de Londrina-Apucarana e à margem direita do Ivaí. Um vestígio de sua presença, também no Norte do Estado, é o Cemitério dos Caboclos, localizado a cinco quilômetros da atual cidade de Maringá. Recoberto pela plantação de soja, mesmo assim sua existência consta da maioria dos pioneiros, que declaram terem encontrado cerca de 25 cruzeiros. A CTNP confirma a presença desses caboclos, dizendo que todos foram indenizados para saírem das terras, havendo alguns cuja decisão em abandonar as terras custou-lhes a dupla indenização. Pioneiros entrevistados destacam do seu contato com o caboclo da região sua extrema reserva: as crianças e as mulheres corriam para dentro dos ranchos enquanto o homem, desconfiado, vinha atender; enfim, lembram que eles abandonavam os ranchos à medida que a colonização avançava (HOFF, 1991, p. 27, apud TOMAZI, 2000, p. 225).

A presença de um discurso etnocêntrico, além da identificação das estratégias utilizadas pelas companhias colonizadoras na tomada das terras do Novo Norte, bem como as ideias de miscigenação e assimilação que compunham as principais narrativas sobre os povos indígenas e afro-brasileiros no período, permitem compreender que, os Sutil foram afastados de suas terras e levados a ocupar outras regiões, sendo assim, eles tiveram que negociar sua sobrevivência, inclusive por meio da negação de sua identidade. A junção desses diversos fatores fomentou, inclusive, o discurso da desaparecimento do povo Sutil, ou ainda, de uma aculturação e/ou integração a sociedade moderna.

Essa discussão também acaba se relacionando a própria construção histórica da denominação de caboclo, conferida a essa população, visto que:

[...] a denominação de “caboclo” passou a ser atribuída, no Brasil, para aquele indivíduo que mais propriamente se detinha a uma produção agrícola de subsistência e que morava na floresta. A este, vinculava-se uma vida com características apoiadas na caça, pesca e coleta. Localizavam-se em floresta inóspita, que servia de segurança, pois era considerada a “periferia da sociedade oficial”, isto é, a sociedade da burguesia brasileira (MONDARDO, 2008, p. 05).

Embora a identidade Sutil esteja imbricada em contextos de ocupação e construção historiográfica pouco detalhadas, cabe ressaltar a hipótese dessa população enquanto produtora do Cemitério dos Caboclos, assim como afirma Varella (2019, no prelo). Essa possibilidade se fortalece, tanto pelas descrições e entrevistas trazidas por Cioffi (et al, 1995), quanto pela entrevista coletada pela equipe da Sapienza (2014), com a interlocutora Joana da Costa Bolognesi.

Essa entrevista levanta reflexões muito pertinentes, dentre elas, a antiguidade atribuída ao local, onde a entrevistada coloca que, mesmo antes de sua chegada a







Paiçandu, o cemitério já havia sido construído<sup>7</sup>. Embora Dona Joana não indique a população responsável pela construção do Cemitério dos Caboclos, ela aponta haver mais de 20 enterramentos na área e que, em meio a sua vivência na região, pode observar que as pessoas eram enterradas diretamente nas covas, sem a utilização de caixão<sup>8</sup>, pois com a inexistência de cemitério em Maringá, as pessoas eram enterradas sem documentação. A informação apresentada por Dona Joana também é corroborada pelo trecho da entrevista de Wilsom Ferreira Varella, citada anteriormente.

A interlocutora ainda retrata a importância que esse patrimônio tem para a região, já que se trata de um importante registro histórico e diz: “*É a história da gente e até hoje nos finados a gente faz missa ali*” (SAPIENZA, 2014, p. 274). Dona Joana também cita que, mesmo com a realização das obras da PR, não houve qualquer processo de remoção dos sujeitos ali enterrados, na entrevista realizada, Dona Joana foi perguntada se houve um sentimento de tristeza na comunidade, em relação a intervenção causada pela implementação da PR, na qual ela responde:

Ah ficaram né, mas acho que aqueles mais antigos que tinham parentes enterrados lá já não estavam mais aqui na região. Mas o que a gente sabe dali é isso, a gente rezou muito tempo ali. Desde o tempo de solteiro, depois de casado, o pessoal fazia novena para chover ali (SAPIENZA, 2014, p. 274).

Esse breve relato aponta que, a passagem da PR causou impacto a esse patrimônio, visto que, há indícios da existência de enterramentos na subsuperfície da área onde passa a PR 323. O entendimento desse contexto de enterramento, bem como a compreensão de questões religiosas e ritualistas associadas a população produtora do Cemitério dos Caboclos poderiam ser melhores esclarecidos com a realização de trabalhos arqueológicos detalhados, que permitam compreender a ocupação e utilização desse lugar por essa população pretérita.

Cabe por fim, citar que a história de ocupação de Paiçandu, bem como dos possíveis produtores dessa cultura material que é o Cemitério dos Caboclos, desperta inúmeras narrativas e alimenta o imaginário popular da região. Nesse sentido, diversos blogs<sup>9</sup>,

---

<sup>7</sup> Dona Joana da Costa Bolognesi chegou a Paiçandu com 8 anos de idade e em 2014, época da coleta de entrevista, possuía 79 anos de idade.

<sup>8</sup> A entrevistada cita que, nos casos de enterramento de crianças, eram utilizados caixões.

<sup>9</sup> Blog Islam Paraná, explora a possibilidade dos Sutiis serem refugiados da revolta dos Malês Disponível em: < <http://islamparana.blogspot.com/2015/01/o-povo-sutil-os-males-no-parana.html>>. Acessado em 08/07/2019.





vídeos<sup>10</sup> e matérias de veículos de comunicação local<sup>11</sup> exploram a origem desse patrimônio, além de disseminarem lendas e contos sobre o local. Destacasse, nesse caso, as informações coletadas em entrevista realizadas com Diogenes Oliveira, que apresenta uma outra narrativa sobre a origem do Cemitério dos Caboclos:

Então, Paiçandu tem esse nome por causa de um Pajé indígena que morava aqui, eles eram de uma tribo Maia, eles moravam nessa cidade e quando foi construída a rodovia, a empresa responsável pela rodovia, se eu não me engano, era a Companhia Melhoramentos do Paraná, eles iam construir a rodovia e ia ser bem em cima da aldeia dos índios. Era uma aldeia grande e o pajé que era o responsável pela aldeia se chamava Sandú, o nome dele era Sandú. E ele não queria que construísse, porque ele queria que desviasse a rodovia, pra não passa em cima da tribo deles. Aí eles entraram, os índios entraram em guerra com pessoal da empresa e tal e teve brigas, luta corporal e inclusive arrancaram o braço do Pajé. Assim diz uma lenda na cidade, que o pajé pegou o braço esquerdo dele, cortou em três pedaços, desses três pedaços ele implantou embaixo de onde seria a rodovia. E aí ele disse que Paiçandu seria uma terra que não daria fruto, uma terra complicada, enquanto tivesse essa Rodovia, pelo tanto de índio que morreu na mão das pessoas que construíram a cidade, por isso até que o apelido da rodovia que passa aqui, que é a BR-323, se chama Rodovia da morte. Então, o primeiro pedaço, que seria a mão dele, tá enterrado embaixo de uma árvore bem no começo da cidade, que antes era o começo da cidade, agora já não é mais o começo, mas é uma Seringueira bem grande que tem aqui do lado da rodovia. O segundo pedaço estaria para frente um pouco da nova instalação da Cocamar, que é para frente do Parque São Jorge um pouco e o terceiro pedaço, que seria no caso a parte do ombro dele, a parte que desce do ombro no braço, tá enterrado em uma curva, que se chama curva do S, na entrada de Água Boa. E aí, ele mesmo inclusive foi lá e tal e logo depois que ele fez essa história ele, ele faleceu, ele veio a falecer, mas antes dele falecer ele amaldiçoou a cidade. Então, a rodovia ganhou essa história de Rodovia da morte por causa dessa situação e realmente acontece muita coisa nessa Rodovia estranha que ninguém consegue explicar. Mas assim, a cidade se chama Paiçandu em homenagem a ele, o pessoal chamava ele de pai, ele era um Pajé, mas os índios chamavam ele de pai, era como se fosse um pai para todos eles, era ele quem tomava conta e tal, na época, ele tinha 59 anos e assim, por ser um índio, as pessoas falam... o meu bisavô conheceu ele, por ser um índio eles falavam que ele era assim, que ele era muito animado, que ele resolve tudo que ele que ele era disposto a colocar tudo para cima e tal, só que ele realmente ficou magoado com essa história da cidade, então, por esse motivo ele amaldiçoa

---

Sobre o cemitério dos Caboclos. Disponível em: <<http://heresiascompartilhadas.blogspot.com/2016/02/sobre-o-cemiterio-dos-caboclos.html>>. Acessado em 08/07/2019.

<sup>10</sup>Cemitério dos Caboclos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3nktbjkoUr4>>. Acessado em 08/07/2019.

TRIBUNA DA MASSA TIBAGI - CEMITÉRIO DOS CABOCLOS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PF7dIQL3GgA>>. Acessado em 08/07/2019.

<sup>11</sup> Matéria do jornal Folha de Londrina "Paiçandu 'guarda' cemitério de caboclos". Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/paicandu-guarda-cemiterio-de-caboclos-627612.html>>. Acessado em 08/07/2019.







a cidade. E aí se deu o nome a ele, deu também se o nome a uma sobrinha dele, que é a cidade vizinha daqui, que seria Maringá, que seria uma índia, ela seria uma das familiares dele, na verdade o nome dela era Maria do Ingá e aí ficou Maringá de Maria do Ingá veio para Maria do Ingá. Então, então assim, como o tempo foi passando e Paiçandu foi crescendo e com a idade que o Paiçandu tem hoje muita, muita gente sabe da história, não sabe toda, muita gente não sabe por que a cidade tem esse nome. E Água Boa, que é um distrito de Paiçandu, se chama Água Boa por causa das fontes, das fontes termais de água mineral que são encontrados lá, são lençóis freáticos bem puros assim, bem limpos, até tem algumas empresas grandes e tal que tentaram comprar algum sítio lá, para fazer fonte de água mineral e tal, mas é devido a isso então o nome, Paiçandu tem tudo para crescer e aí o cemitério ficou bem no meio das duas, ficou entre Paiçandu e Água Boa, todos os índios dessa tribo que morriam, eles eram enterrados ali, então os caboclos são caboclos indígenas, caboclos índios. Então, são os índios que estão enterrados ali. O cemitério Nacional de Paiçandu, o cemitério... o cemitério municipal no caso, ele já existia na época da Companhia Melhoramentos, só que assim, os índios, eles não aceitavam ser enterrados ali, porque eles diziam que eles não eram indigentes, então eles queriam ser enterrados em um lugar propício, aonde o Pajé deles estavam. Então naquela gruta, que tem no cemitério dos Caboclos, onde ficam a imagem e tal, as coisas assim, embaixo daquela gruta está enterrado o corpo do Sandú e os índios que morreram durante a guerra tão enterrado entre as pedras ali, pra frente no caso, onde tem o Cruzeiro e tal. A esposa do Sandu morreu há um, há uns 20 anos atrás, que era a esposa do Pajé. Ela foi embora daqui de Paiçandu ela não morava mais aqui, ela morava no Mato Grosso do Sul, ela morava em Naviraí, que foi na cidade onde eu nasci, ela morava lá, e a minha avó era amiga dela inclusive, e ela morreu tem uns 20 anos atrás, se eu não me engano o nome dela era Juçara, que era um nome indígena também (DIOGENNES OLIVEIRA, 2019).

A presença desse material em meios digitais, demonstram outra forma de apropriação e disseminação do patrimônio pela sociedade, assumindo novas narrativas e pontos de vista que muitas vezes mesclam argumentos científicos e acadêmicos, com histórias, lendas e contos populares, proporcionando assim, uma maior diversidade de interpretações e significações locais.





## 6 CARACTERIZAÇÃO DO SÍTIO CEMITÉRIO DOS CABOCLOS

Os cemitérios, como sítios arqueológicos, podem ser estudados enquanto uma representação do passado. É o lugar onde se encontram as condições para a realização dos estudos que embasam, dentre outros aspectos, questionamentos sociais, econômicos e culturais, e de onde o arqueólogo pode retirar o embasamento espacial no qual corrobora a distribuição e reflete a sociedade que o envolve (MACHADO; CASTRO, 2017, p. 188).

Perceber um cemitério enquanto espaço de reflexão sobre um determinado grupo social nos possibilita compreender aspectos que muitas vezes não são abordados ou trabalhados na esfera historiográfica ou por meio de levantamentos antropológicos, sendo a arqueologia a área de conhecimento que mais nos aproxima da realidade vivenciada por populações no passado.

O Cemitério dos Caboclos se trata de um sítio arqueológico histórico, registrado junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pela equipe de campo da empresa Sapienza, em 2014, durante o diagnóstico e prospecção arqueológica na área de duplicação, restauração, manutenção, conservação e operação do corredor da PR-323, entre Maringá e acesso a Francisco Alves. A época da produção deste diagnóstico, foi realizada a seguinte descrição sobre o sítio Cemitério dos Caboclos:

O sítio está implantado em área elevada em direção ao declive do vale, circundado por uma plantação de milho. O local está cercado por uma construção quadrangular com uma gruta ao fundo e cruz de ferro ao centro. O material construtivo utilizado foram rochas sobrepostas com argamassa na parte superior, e na gruta evidencia-se ainda a parte externa de estrutura de arame. No acesso ao sítio há um caminho marcado por pedras que leva da PR 323 até o seu portal de entrada, e ao lado deste caminho há uma grande pedra onde são visíveis marcas de uma antiga placa de indicação, que não se encontra mais no local. Toda a estrutura está pintada de branco. Ao centro, há uma formação circular de concreto e pedra com uma cruz de ferro (SAPIENZA, 2014, p. 265).

Em oportuna conversa realizada com o Sr. Waldemar Zironi (Anexo 06), de 70 anos – morador da cidade de Paiçandu desde seus 4 meses de idade, além de funcionário da prefeitura durante as gestões de 1989 à 1996, quando ocupou a função de chefe de geral da prefeitura – pode-se coletar algumas informações sobre a construção da estrutura de pedras instalada no cemitério dos caboclos e o impacto que a passagem da PR-323 teve na região. Embora o colaborador da pesquisa não recordasse com certeza a data da construção da estrutura, informou que esta foi realizada entre os anos de 1993 a 1996, durante a gestão do Prefeito José Antonio Piovan.



Segundo Waldemar, a ideia de realizar alguma coisa naquele local foi do próprio prefeito Piovan, no sentido de preservar a memória de antigos moradores que tiveram parentes enterrados no local. Portanto, o prefeito pediu à ele que pensasse no que poderia ser feito ali para alcançar este objetivo. O Sr. Waldemar então conversou com o proprietário da terra (Familia Contardi), e eles permitiram que ele utilizasse o quanto de terra achasse necessário para fazer a construção dentro da propriedade.

Então o Sr. Waldemar foi o responsável por definir o local, demarcar os limites e idealizar a construção dos muros daquela maneira. Segundo ele, a área onde estavam os sepultamentos tinha uma abrangência mais ampla do que a que foi delimitada pelos muros do Cemitério, indo em direção ao interior da propriedade. No entanto, ele optou por fazer a construção ali para ficar mais próximo à estrada e mais visível, atendendo ao objetivo proposto de tornar-se um “memorial”.

**Figura 6:** Conversa com o Sr. Waldemar Zironi



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 7:** Conversa com o Sr. Waldemar Zironi



Fonte: Autores, 2019.

Waldemar também relatou que para a construção da estrutura, foram utilizados caminhões, que transportaram as rochas de outra localidade do município para o cemitério e que se inspirou em estruturas similares vistas em suas viagens pelo Nordeste do país – no período em que foi caminhoneiro. Além disso, Sr. Waldemar relatou que, no período da realização da PR-323 – iniciada por volta dos anos 1970 – houve uma grande movimentação de maquinário e a exposição de algumas ossadas presentes no local e que devido esse fator, foi optado por demarcar o local do cemitério para que não ocorresse novamente tais ações. Outro aspecto importante a ser citado, se refere a existência da antiga capela de madeira – relatada por Dona Joana (SAPIENZA, 2014) – entretanto, de



acordo com Waldemar, a capela teria sido destruída devido as obras de pavimentação da PR, não mencionando no decorrer da conversa, o fato desta ter sido queimada. Essa suposta contradição nas narrativas de moradores locais não representa, necessariamente uma problemática, mas podem ser compreendidas como aspectos da memória coletiva e individual, que muitas vezes apaga, constrói ou esconde, estrategicamente, fatos que auxiliam na produção de identidade desses sujeitos (CANDAU, 2016).

Na descrição apresentada no relatório da Sapienza (2014), é possível observar, além da descrição sumária da cultura material que caracteriza este sítio, as relação estabelecidas entre a comunidade católica presente no entorno do local, já que ali ocorriam celebrações de missas, principalmente no dia de finados, sendo também apontando pelo Sr. Waldemar, como uma local utilizado no passado para rezas e preces que visavam as chuvas das lavouras. Além disso, o relatório constata que no cemitério dos caboclos também se caracterizava como um local de cultos, celebrações e rituais por parte de religiões de matriz africanas, principalmente por parte da Umbanda.

Em levantamento de campo e visitas técnicas, realizadas no dia 8 de julho de 2019, foi possível realizar conversas informais com a comunidade de Paiçandu, além de contatos realizados para a execução de entrevistas narrativas que tinham por objetivo, compreender as atuais relações sociais estabelecidas com este patrimônio.

Durante a execução das etapas de campo, foi possível estabelecer contato, em primeiro lugar com a Sra. Izaura Aparecida Tomaroli Varella, geógrafa e escritora da região. Também foram realizados contatos com a Paróquia Santo Cura D'Ars, bem como com o Jornalista e pesquisador, Donizete Oliveira. Além disso, também foi realizada uma reunião com representantes municipais da área da cultura, na qual estavam presentes o Secretário de Cultura Luciano Scuissatto, e o Diretor da Cultura, Cleverson, ocorrida dia 19/07/19, na Casa da Cultura de Paiçandu.

A conversa com a escritora Izaura Aparecida Tomaroli Varella (Anexo 05) aconteceu em sua residência em Cianorte, por meio da qual percebemos que o seu vínculo com a cidade de Cianorte deste a infância e a proximidade com seu sogro Wilson Varella, “fiscal geral” da Companhia Melhoramentos, a inspirou a estudar mais sobre a ocupação da região e escrever sobre o tema. Izaura foi uma das autoras do livro “Cianorte sua história contada pelos Pioneiros” (CIOFFI et al, 1995), e para a produção deste livro, em conjunto com as





demais autoras, foram realizadas diversas entrevistas, mostrando para nós as versões originais das entrevistas transcritas.

Ela segue estudando o assunto e está prestes a publicar um novo livro, sob o título “Sob as Sombras das Perobas da Minha Terra - História dos Primeiros Vinte Anos de Cianorte - 1953/1973”, já compartilhando conosco uma parte do novo livro que trata sobre os Sutil. A escritora, inclusive, conseguiu realizar uma entrevista com um remanescente do povo Sutil, a qual contribuiu muito para o estudo do assunto.

**Figura 8:** Conversa com a escritora Izaura Varella



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 9:** Conversa com a escritora Izaura Varella sobre as entrevistas realizadas



Fonte: Autores, 2019.

Já a partir da conversa com o jornalista Donizete Oliveira, realizada na sede da Revista Tradição, em Maringá, foi possível perceber que ele já vem há algum tempo realizando estudos a respeito da ocupação mais antiga da região, e inclusive sobre o Povo Sutil e o Cemitério dos Caboclos. Ele nos forneceu um exemplar da revista em que realizou uma publicação sobre o assunto (Edição n° 331, de julho de 2010 – Anexo 15), intitulada “O Fim de Um Povo Paranaense”. Na matéria, ele aborda o que já se sabe sobre a história dos Sutil, tratando também de seus costumes, hipóteses de migrações e da sua extinção.







**Figura 10:** Conversa com o jornalista Donizeti Oliveira e exemplar da Revista Tradição



Fonte: Autores, 2019.

O jornalista nos informou que a responsável pela construção da estrutura do Cemitério seria a própria prefeitura, o que nos levou a investigar o assunto com mais profundidade junto ao órgão, confirmando a informação posteriormente. Quando questionado sobre qual o significado que aquele lugar tem para ele, ele respondeu que ele “se identifica sim com aquele local, que significa um marco de resistência e identidade de um povo, o povo sutil”, e que trabalha para preservar esta história.

A investigação junto ao órgão público de Paiçandu, realizada com os representantes da Casa da Cultura, foi produtiva no sentido de promover uma aproximação da pesquisa com estes agentes públicos. A conversa realizada com o secretário da Cultura, Luciano, e com o Diretor Cleverson, aconteceu na sede da Casa da Cultura em Paiçandu, durante a qual eles informaram à equipe que já estavam fazendo um levantamento sobre o Cemitério dos Caboclos para compreender mais sobre a história do local, dos usos atuais e das possibilidade de preservação. Uma ação muito positiva que tem sido promovida por eles, inclusive, é a promoção do diálogo com os representantes dos terreiros de Paiçandu, vinculados à afro-religiões, para entender o significado daquele local para eles e formas de preservação que conciliem os usos atuais.







**Figura 11:** Fachada da Casa de Cultura de Paiçandu



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 12:** Conversa com os representantes da Casa de Cultura de Paiçandu



Fonte: Autores, 2019.

A realização dessas conversas foi significativa para a construção deste relatório, já que possibilitou compreender uma modificação nas relações sociais estabelecidas com o sítio, ou seja, nas conversas realizadas junto a Paróquia Santo Cura D’Ars constatou-se a ausência de missas e cultos no cemitério na atualidade, dessa forma, pode-se inferir que alguns sujeitos mantem o habito de visitar o local sem o concreto envolvimento da paróquia nesse processo. Essa situação também pode ser constatada em campo, já que grande parte dos materiais evidenciados na superfície do cemitério, se referem a artefatos associados a grupos de religiões de matriz africana, sobretudo no que se refere a oferendas deixadas no local.

Embora a equipe de campo tenha realizado contatos com representantes de grupos de religiões de matriz africana da região, que pudessem aprofundar o entendimento e relações dessa comunidade com o Cemitério dos Caboclos e do uso atual deste local por parte desses sujeitos – inclusive no sentido de desmistificar algumas percepções que circulam pela região, quebrando assim tabus e pré-conceitos estabelecidos com praticantes de religiões de matriz africana e povos de terreiro – a equipe só conseguiu o retorno de um representante, que se trata de Diogenes Oliveira, de 28 anos, Babalorixá do Candomblé e Pai de Santo na Umbanda. Embora essa entrevista não possa, em um aspecto mais amplo, representar todos os sujeitos envolvidos nas práticas religiosas de matriz africana no Cemitério dos Caboclos, é possível destacar que este local se apresenta como um espaço sagrado e de preces, sendo recorrentemente utilizado.





Em entrevista (Anexos 07 e 08) realizada com Diogenes Oliveira, que se apresenta como Digo, realiza no dia 13 de agosto de 2019, por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas<sup>12</sup>, foi possível perceber que para ele:

Então, o Cemitério dos caboclos para mim principalmente, particularmente, é um lugar muito sagrado, é um lugar que deve ser respeitado, pela história de Paiçandu pelo que eu conheço, pela minha religião, pelas decisões que eu tomo, então o Cemitério dos caboclos é um lugar assim que para mim tem que ser preservado, ali deveria ser realmente um patrimônio cultural, deveria ser tombado como. Aquele local pra mim ele significa muito, porque quando eu preciso ajudar as pessoas, normalmente eu vou lá, eu pretendo ... Eu pretendo não, na verdade eu faço alguns trabalhos e tal, envolvendo a minha religião e eu uso as forças ocultas que tem ali, é um lugar espiritual, é um lugar muito bom, um lugar muito tranquilo. Quem conhece um pouco sabe o que eu tô falando, então assim, seria um dos mais passíveis a serem tombado como patrimônio histórico de Paiçandu (DIOGENNES OLIVEIRA, 2019).

Em outros trechos da entrevista, o interlocutor apresenta outros aspectos necessários para a compreensão da importância desse lugar na vida dessas comunidades, seus usos e sua representação.

O Cemitério dos caboclos é uma terra ancestral, é uma terra que mexe com ancestralidade, estão, dentro das religiões afro religiosas o cemitério é um local sagrado. Algumas pessoas usam pra maldade, se aproveitam dessa mágoa dos índios que morreram, que se sacrificaram por causa das colônias deles, das Tribos deles e eles usam pra maldade e outras pessoas usam para ajudar. Eu por exemplo, no meu caso, eu uso para ajudar, existem alguns fundamentos dentro do Candomblé dentro da Umbanda que se fazem e que são necessários levar em lugares ancestrais ou cemitérios, que também são ancestrais, lugares ancestrais, então são deixados ali. Por exemplo, existe uma entidade africana que se chama Ikú, Ikú é a morte, então para livrar uma pessoa do mal que a morte traz, a gente faz alguns fundamentos, algumas coisas e normalmente isso tem que ser levado em um local ancestral para que Ikú receba. E assim, são coisas práticas, são coisas físicas no caso [tosse] ... Perdão... São alguns fundamentos de comidas, bebidas, algumas coisas assim desse tipo, relacionados tanto pro bem... Pro mal normalmente se usa muita bebida alcoólica, se usam alguns fundamentos fortes para o mal, se usa sangue, sacrifício animal, algumas coisas bem, bem complicadas. Pro bem, já se usa mais coisas naturais, se usa pipoca, se usa coisas de comer mesmo, alimento, mas não, não chega a ser usado o sangue, não chega a ser usado sacrifício animal. Então, assim, existe sacrifício animal pro bem também, só que nessa parte especificamente de ancestralidade, que as pessoas fazem lá no Cemitério dos caboclos, não se usa para isso. Então, normalmente o Cemitério dos caboclos ele é muito procurado, para quem busca... pra quem busca a cura, para quem busca a espiritualidade num total que seja bom... pra se livrar de algumas coisas ruins, para se livrar de maus presságios, para descarrego, para coisas assim, relacionadas a isso, entendeu? (DIOGENNES OLIVEIRA, 2019).

E segue:

---

<sup>12</sup> A entrevista seguiu com esse formato devido a indisponibilidade do sujeito em encontrar a equipe em um local previamente definido. Nesse sentido, buscou-se construir um espaço de discussão e abertura que possibilitasse ao interlocutor expressar suas opiniões e narrativas.





Até pelo motivo, que é o seguinte, ali, por ser muito ancestral aqui em Paiçandu é mais fácil porque é aberto, então você chega lá e faz tudo que você tem que fazer no cemitério dos caboclos ... Não é igual cemitério aqui de Paiçandu, que fecha, que é uma coisa meio estranha né? Porque normalmente o cemitério, as pessoas meio que têm medo... Lá no Cemitério dos caboclos é mais tranquilo, o pessoalmente normalmente se sente muito bem lá. Entendeu? (DIOGENNES OLIVEIRA, 2019).

Em relação as visitas de praticantes de religiões afro brasileiras, oriundos de outras regiões, Digo Oliveira destaca que:

Isso na verdade é real, vem gente de longe até... Vêm gente... Já veio pessoas até de São Paulo aqui, por que assim, a ancestralidade que tem nesse lugar é muito grande. Então o que acontece, é por que assim, dentro da religião... não sei se você consegue me entender, mas dentro da religião existem uma identidade chamadas caboclos, que são índios e os cabocos em si, as entidade em si, da Umbanda, eles indicam esse lugar para fazer as coisas. Então, vêm gente de muito longe para cá, realmente para fazer isso... O pessoal de Paiçandu não é muito usado, porque não tem muito, muito afro religioso aqui em Paiçandu. Então o pessoal daqui de Paiçandu usa pouco, isso... mas assim, que tem só uma 4 Casas de santo, no caso aqui em Paiçandu, essas quatro casas de Santos tem os clientes tem, têm os filhos de Santos e tal, então todo mundo usa ali. Mas tem muita gente de fora, então eu confirmo isso sim. É bem usado pelos moradores aqui quando eles procuram trabalhos, específicos, nessas casas de Santo. E as pessoas de fora eles vêm, normalmente com o intuito de passar as coisas, de deixar ali naquele local, para que seja finalizado um círculo, entendeu? As práticas afro religiosas acontecem ali, acredito que há uns 30 anos, já, que eles acontecem ali. A construção dos muros de pedra, ela é chamativa, então ela chama atenção, por ser pedra, por ser colonial, por ser uma coisa assim, mais antiga, uma coisa rústica. Então por esse motivo é bem mais tranquilo de fazer as coisas, de entrar no cemitério, de pedir as licenças que precisam ser pedidas e tal. Tem gente que vai ali que faz as coisas que não tem permissão para fazer, mas mesmo assim vai lá e faz e tem pessoas realmente idôneas, pessoas sérias, que usam aquele local como um local sagrado.

Esses laços religiosos evidenciados no local, também foram corroborados na reunião realizada com os representantes municipais de cultura, o que solidifica a relevância e importância que esse patrimônio tem na vida social comunitária. Durante a reunião, tanto o Secretário de Cultura, quanto o Diretor de Cultura destacaram a existência de um sincretismo religioso e da efetiva presença de praticantes do catolicismo, Umbanda e Candomblé. Outra questão importante levantada ao longo desta reunião, se refere a preocupação com a preservação e conservação do local, visto que, o Cemitério dos Caboclos é compreendido pelo setor da cultura de Paiçandu, como um importante representante histórico e relevante para o entendimento comunitário sobre suas origens.

Para Diogenes, a questão da preservação do local se torna um fator essencial, visto que:





Eu só gostaria que ali fosse um pouco mais preservado, porque tem algumas pessoas que usam ali para... Tipo assim, que tivesse alguma patrulha, sabe? Como é que eu vou explicar? Que assim, que tivesse mais atenção aquilo ali. A rodovia está sendo construída, estão fazendo na duplicação ali, e, e assim, ele não tem muito nexo do que tá acontecendo ali, do que é que significa aquele lugar. As entidades, tanto as entidades quanto até os usuários daquele lugar... é... tão meio que se incomodando com algumas obras que estão acontecendo ali próximo. Eles estão querendo cortar metade da calçada ali, que dá acesso ao cemitério... Queria que tivesse uma sinalização ali, para mostrar que ali é um local sagrado. Não tem sinalização, não tem luz, é muito escuro e à noite ... então eu acredito que deveria ter sim, porque é um local religioso. Em toda igreja tem luz, toda igreja tem um poste, por que que ele não deveria ter? Se até no cemitério municipal têm, ali também deveria ter. Então assim, sobre a questão da placa, das pessoas roubarem, eu acredito que deveria ser feito uma coisa assim mais rústica, sabe? Uma coisa que assim, talvez até fosse melhor ou na madeira, ou nas pedras mesmo, inclusive podia ser cunhado em pedras, alguma coisa desse tipo, que a prefeitura pudesse fazer isso e não restringe o uso em relação a essas práticas religiosas, por que hoje em dia... (DIOGENNES OLIVEIRA, 2019).

Em relação a caracterização da estrutura de pedra presente no Cemitério dos Caboclos, é importante dizer que, ao longo das conversas estabelecidas, na Casa de Cultura, com Waldemar Zironi e com Izaura Varella, que se trata de uma estrutura relativamente recente. Embora a equipe de campo tenha realizado inúmeras tentativas para verificar tais informações, não foi encontrado nenhum documento em posse da prefeitura que pudesse atestar a data de realização dessa estrutura.

A partir das informações coletadas em entrevista, Dioginnes Oliveira apresenta uma outra narrativa sobre a construção do muro de pedras que circunda o Cemitério dos Caboclos, onde coloca que:

E as pedras em si, tanto as pedras, como a primeira pintura foram feitas já pelos índios, foram os índios que começaram a colocar aquilo ali. Na época, aquela gruta, onde é a gruta hoje onde o Sandú está enterrado, ela não era aberta ela era um monte de pedras, com uma cruz... Era ... Eles abriram um buraco, colocaram o Sandú dentro, fizeram alguns preceitos religiosos para ele e tal, com algumas folhas e algumas comidas, ai tamparam com pedras, então foi meio que assim, eles enterraram ele por baixo das pedras, E aí colocaram uma cruz, um crucifixo e tal, por devido à igreja católica imperar e tal. Então a cruz em cima dele. Com o tempo, os próprios índios foram abrindo um quadrado, um retângulo, no caso, eles foram abrindo e quando se morria algum índio era enterrado ali dentro, era bem rústico, assim com pai, tal. Eles enrolavam os índios em algumas folhas de bananeira, amarravam os índios e colocavam eles ali... (DIOGENNES OLIVEIRA, 2019)

Destaca-se que, embora a estrutura que cerca o Cemitério dos Caboclos seja apontada como uma materialidade relativamente recente, isso não descaracteriza nem compromete a importância que esse local tem na vida comunitária e na história que ele possibilita resgatar, já que, se trata de um sítio associado a populações importante na composição da cultura local, na qual apresenta outros elementos materiais, além de seu rico aspecto social e de memória. Soma-se a isso, a ausência de trabalhos arqueológicos



exaustivos, em especial aqueles que tenham intervenção em subsuperfície, já que assim pode-se obter um maior número de dados e informações que permita recompor esse histórico da região, muitas vezes ausente e/ou negligenciado pela historiografia.

## 6.1 Caracterização Física do Cemitério dos Caboclos

Afim de atender ao disposto no Ofício IPHAN nº 955/2014, além de realizar o levantamento histórico da edificação, procurou-se realizar uma descrição da sua situação física, como previsto no projeto, através da “definição das técnicas construtivas empregadas, dos materiais utilizados e das patologias da edificação com a análise do estado de conservação da estrutura” (ARQUEOLOGÍSTICA, 2018).

É necessário portanto, retomar as características descritas pela etapa de pesquisa arqueológica que precedeu este Programa de Monitoramento Arqueológico, Educação Patrimonial e Levantamento Histórico. Foi durante a fase de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica, realizada em 2014 pela empresa Sapienza Arqueologia, sob a coordenação geral da arqueóloga Dra. Deisi Scunderlick Eloy de Farias (SAPIENZA, 2014), que o sítio histórico “Cemitério dos Caboclos” foi identificado e registrado (CNSA nº PR01580).

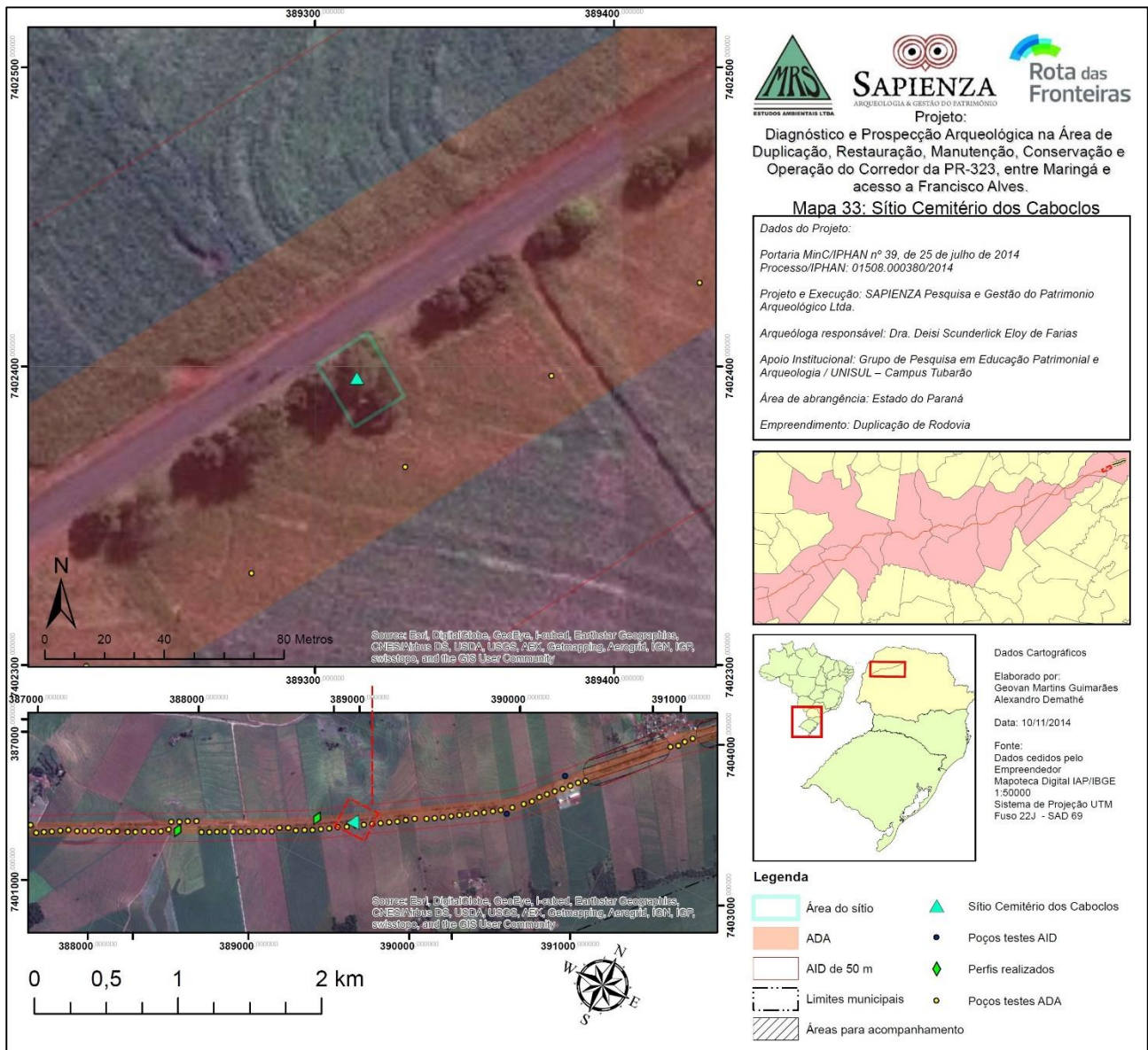
Em seu registro (Anexo 14), a descrição sumária descreve que

Trata-se de um antigo cemitério, onde verificou-se uma construção quadrangular com gruta ao fundo, muros de pedra fixada com argamassa. Ao centro da estrutura verificou-se um círculo de pedra com argamassa e uma cruz de ferro. (Registro CNSA – Anexo 14)

O sítio encontra-se às margens da Rodovia PR-323, no lado direito, sentido oeste/leste, tendo como ponto central a coordenada UTM 22 K 389314 E / 7402396 S, como indica o Mapa 3, a seguir, que acompanhou o registro do sítio arqueológico realizado pela etapa anterior.



**Mapa 3:** Mapa de Localização do Sítio Histórico Cemitério dos Caboclos



Fonte: Sapienza, 2014, Editado pelos Autores.

### Segundo o Relatório Final do Diagnóstico e Prospecção Arqueológica,

O material construtivo utilizado foram rochas sobrepostas com argamassa na parte superior, e na gruta evidencia-se ainda a parte externa de estrutura de arame. No acesso ao sítio há um caminho marcado por pedras que leva da PR 323 até o seu portal de entrada, e ao lado deste caminho há uma grande pedra onde são visíveis marcas de uma antiga placa de indicação, que não se encontra mais no local. Toda a estrutura está pintada de branco. (SAPIENZA, 2014)

Portanto, a equipe da ArqueoLogística realizou visitas ao local do sítio, a fim de verificar a situação da edificação e realizar levantamento de dados primários, visando





coletar o máximo de informações acerca do bem edificado de valor histórico-arqueológico e imaterial. Os membros da equipe que realizaram os levantamentos da pesquisa in loco foram a arqueóloga Ana Claudia Fragoso e a arquiteta Paula Marino.

**Figura 13:** Vista Geral do sítio Cemitério dos Caboclos



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 14:** Vista da fachada do sítio



Fonte: Autores, 2019.

Portanto, a fim de realizar um levantamento mais detalhado das dimensões da edificação, foram utilizados trena eletrônica e trena manual para as medições e anotações em prancheta.

**Figura 15:** Arquiteta realizando medições com auxílio de trena eletrônica



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 16:** Anotações das medidas em prancheta



Fonte: Autores, 2019.

O sítio arqueológico Cemitério dos Caboclos é margeado à noroeste pela Rodovia PR-323 e em suas demais faces, por uma plantação de milho, estando localizado em propriedade privada. A construção é separada da plantação por uma faixa que varia de 5 à 10 metros, onde há solo exposto, provavelmente sendo demarcada por maquinários agrícolas. As figuras do seu entorno podem ser verificadas à seguir.





**Figura 17:** Entorno da edificação à nordeste



**Figura 18:** Entorno da edificação à sudoeste



**Figura 19:** Entorno da edificação à sudeste



Fonte: Autores, 2019.

Durante as visitas ao local, foi possível verificar os aspectos construtivos da estrutura conforme descrito anteriormente, cujas características que podem ser verificadas visualmente foram confirmadas pelo Sr. Waldemar Zironi, responsável pela construção da estrutura, durante a conversa com a equipe. Conforme já citado anteriormente, ele informou que os blocos de rocha foram trazidos de um local, próximo à uma estrada em construção, dentro do município de Paiçandu, sendo portanto, rochas locais. Segundo ele, os blocos foram empilhados a seco, utilizando uma camada final por cima com argamassa e brita para manter a estrutura estável. Foi possível identificar que as rochas utilizadas tratam-se em sua maioria de rochas de basalto, matéria prima abundante na região.





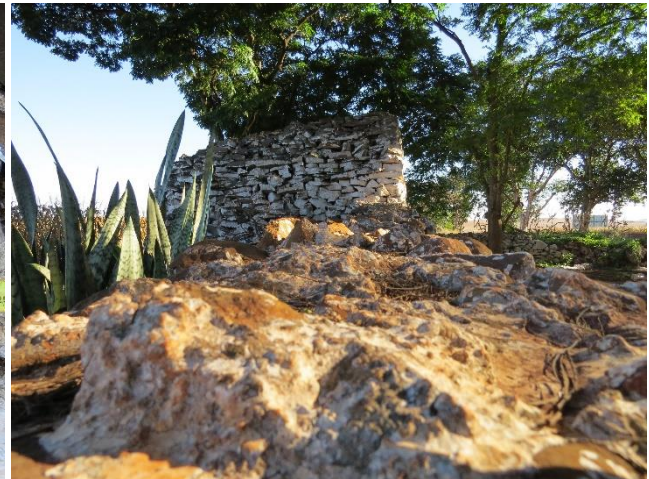


**Figura 20:** Exemplo de bloco de rocha utilizado na estrutura.



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 21:** Camada superior de argamassa sobre os blocos empilhados.



Fonte: Autores, 2019.

Os muros que compõe a construção, delimitam um formato quadrado, tendo suas dimensões externas totais de 12,00 x 12,50 metros, resultando em um ambiente interno livre de aproximadamente 128,36 m<sup>2</sup>. A altura dos muros varia entre 0,76 e 1,28 metros, por conta do desenho formado na fachada principal. Já a espessura dos muros varia entre 50 e 60 centímetros, por conta do empilhamento artesanal das rochas e variação de tamanho dos blocos.

**Figura 22:** Medição da altura dos muros da construção de blocos empilhados.



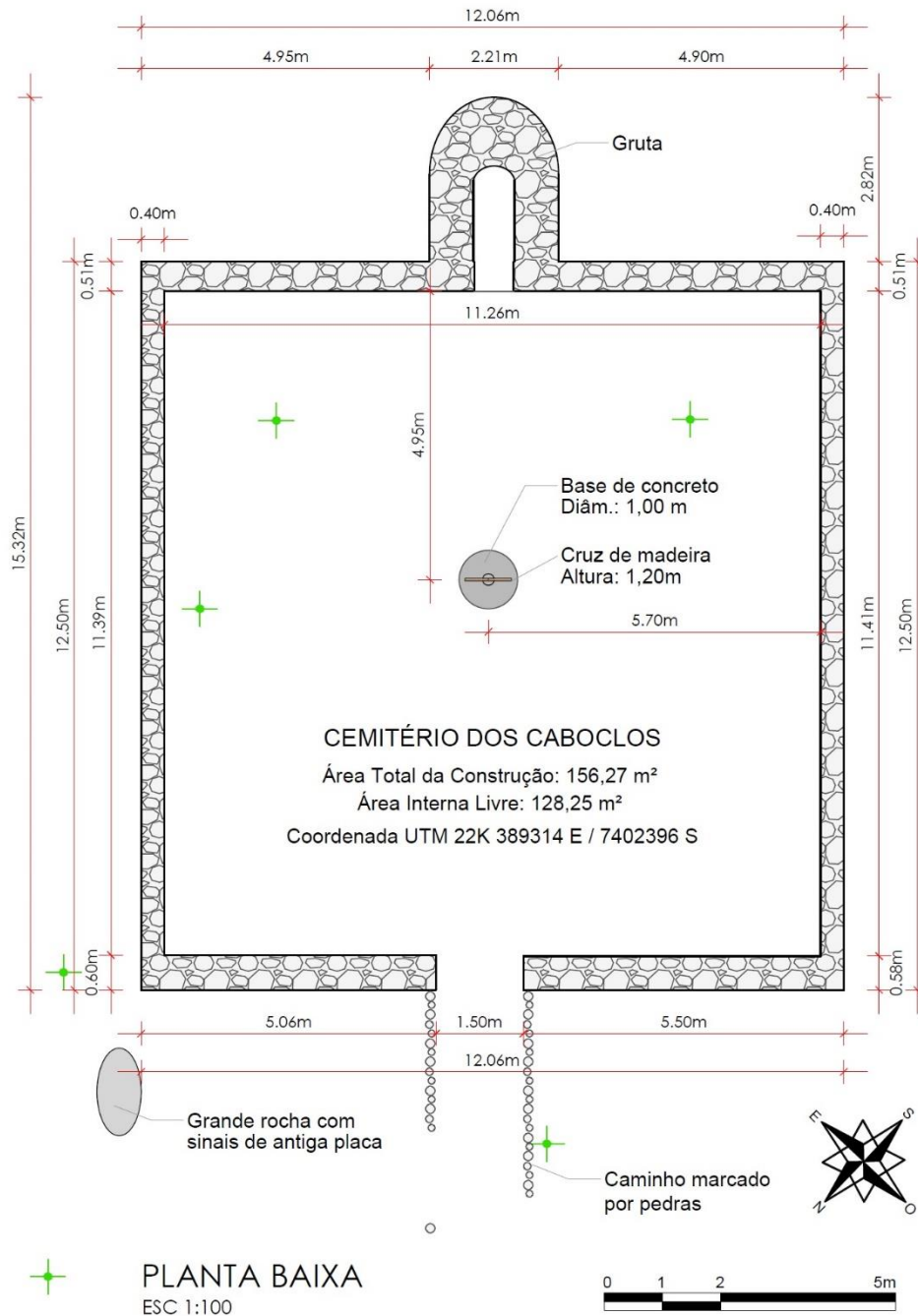
Fonte: Autores, 2019.

**Figura 23:** Medição da espessura dos muros da construção.



Fonte: Autores, 2019.

Figura 24: Planta Baixa da construção “Cemitério dos Caboclos”



Fonte: Elaborado por Paula Marino, 2019 – Anexo 09

No que se refere aos aspectos construtivos da gruta, que localiza-se centralizada e ao fundo da construção, conectada aos muros de pedra, ainda de acordo com a descrição do registro do sítio, pode-se observar que seu empilhamento é diferenciado por conta da sua forma e foram utilizados vergalhões metálicos para reforçar o vão do seu arco de abertura.





**Figura 25:** Empilhamento diferenciado na gruta



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 26:** Vergalhões metálicos reforçando o vão do arco de abertura



Fonte: Autores, 2019.

No que se refere à pintura branca dos blocos da estrutura, o Sr. Waldemar Zironi não conseguiu afirmar com certeza se a pintura com esta cor foi feita desde o início da sua construção, da década de 1990, por conta de não lembrar-se. Nesse sentido, o entrevistado Diogenes Oliveira, afirmou que ele e as pessoas vinculadas à sua religião, costumam realizar a manutenção da pintura branca no local, já que a cor branca tem um significado especial para os mesmos:

É sempre a gente que vai lá pintar, eu mesmo inclusive já ajudei a pintar aquelas pedras... É, o branco representa paz, representa pureza, então afasta essas coisas ruins ... (DIOGENNES OLIVEIRA, 2019).

Ainda segundo ele

Dentro da religião africana, a gente estuda sobre espíritos... Espíritos não evoluídos, que dentro do Candomblé eles são chamados de Eguns. E Egum não consegue chegar perto da cor branca... Eles não... São aqueles espíritos que a Igreja Católica e a Igreja Evangélica chamam de obsessores, os espíritos que pegam uma pessoa na rua tal... E eles não aceitam, eles não gostam e tal, da cor branca. Então até por isso as religiões de matrizes africanas usam o branco, pra afastarem os Egum, eles são os espíritos que não conseguem evoluir, eles atrapalham as pessoas... (DIOGENNES OLIVEIRA, 2019).

Também são identificados no local elementos construtivos e peças de importância simbólica para as diversas religiões que utilizam o local. O elemento construtivo que melhor representa isso é a cruz de madeira afixada sobre uma base em concreto no centro do



Cemitério. No local podem ser observados diversos objetos deixados ali após a realização de rituais religiosos.

**Figura 27:** Cruz de madeira com base de concreto ao centro do Cemitério



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 28:** Objetos deixados junto à cruz



Fonte: Autores, 2019.

Além disso, são encontrados também imagens de representações religiosas.

**Figura 29:** Imagens de santos presentes no local



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 30:** Imagem presente junto à gruta

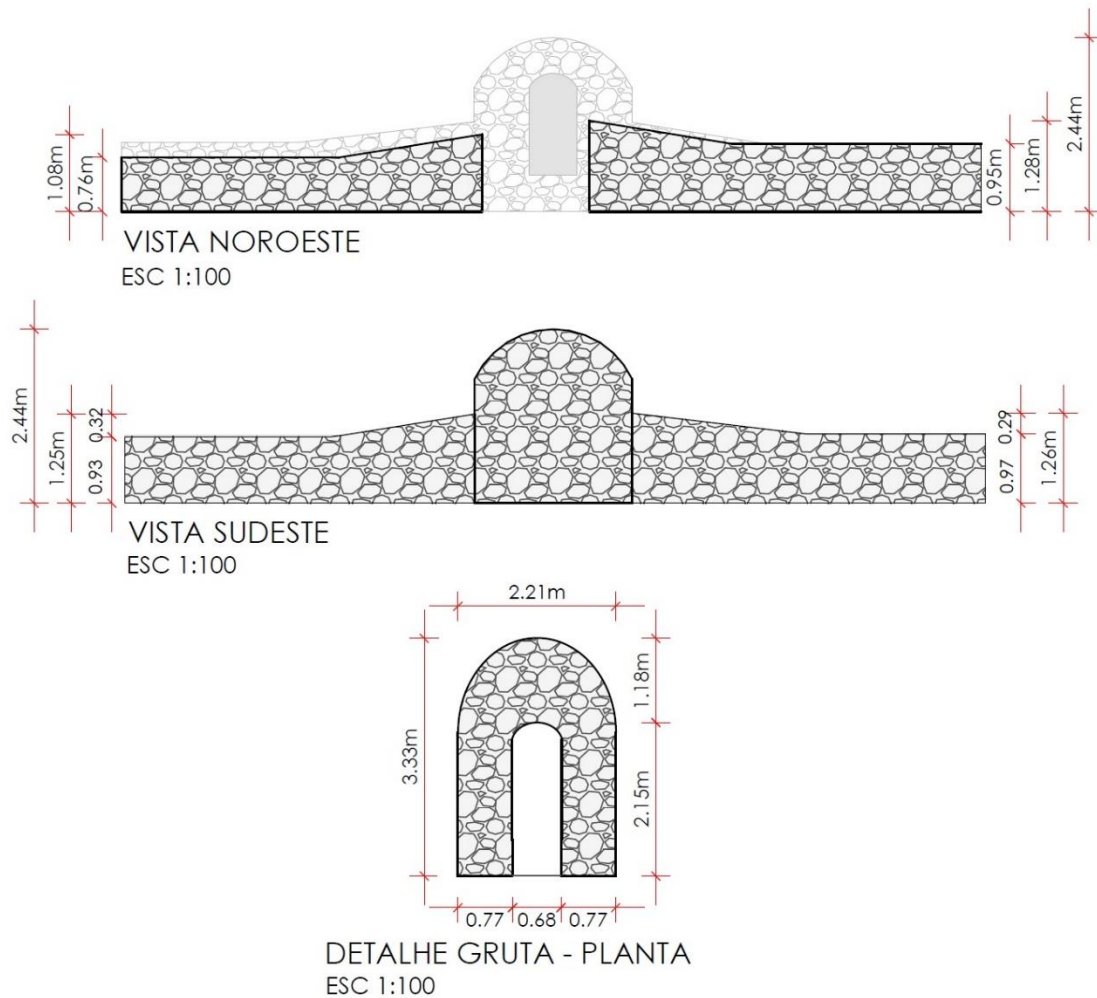


Fonte: Autores, 2019.

Nas figuras a seguir estão representados os desenhos técnicos (Anexo 09) das vistas laterais da edificação e as fotos tiradas in loco.



**Figura 31:** Desenhos técnicos das vistas frontal (noroeste) e posterior (sudeste) e planta baixa de detalhe da gruta



Fonte: Elaborado por Paula Marino, 2019 – Anexo 09.

**Figura 32:** Fachada frontal da edificação (face noroeste)



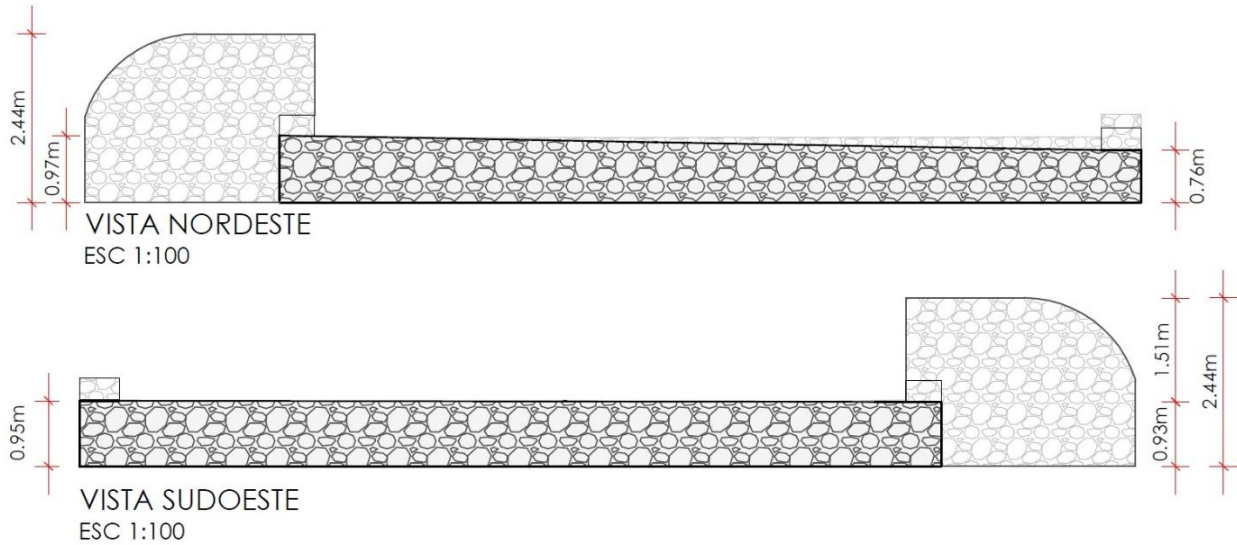
Fonte: Autores, 2019.

**Figura 33:** Fachada posterior da edificação (face sudeste)



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 34:** Desenhos técnicos das vistas laterais (nordeste e sudoeste)



Fonte: Elaborado por Paula Marino, 2019 – Anexo 09.

**Figura 35:** Fachada lateral da edificação (face nordeste)



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 36:** Fachada lateral da edificação (face sudoeste)



Fonte: Autores, 2019.

A partir disso, também elaboramos a modelagem tridimensional da edificação em maquete eletrônica, através do programa SketchUp, de forma a disponibilizar um registro da edificação e seu entorno de forma mais visual. O arquivo completo da maquete eletrônica, assim como as imagens, encontram-se nos Anexos 10 e 16.





**Figura 37:** Vista superior da maquete eletrônica

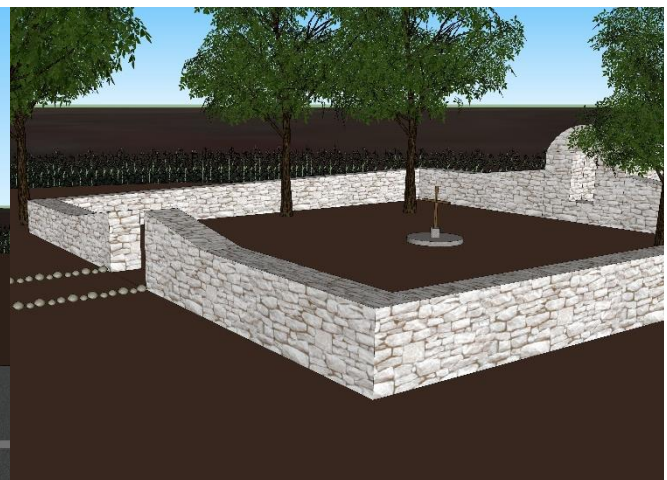


**Figura 38:** Fachada frontal da maquete eletrônica

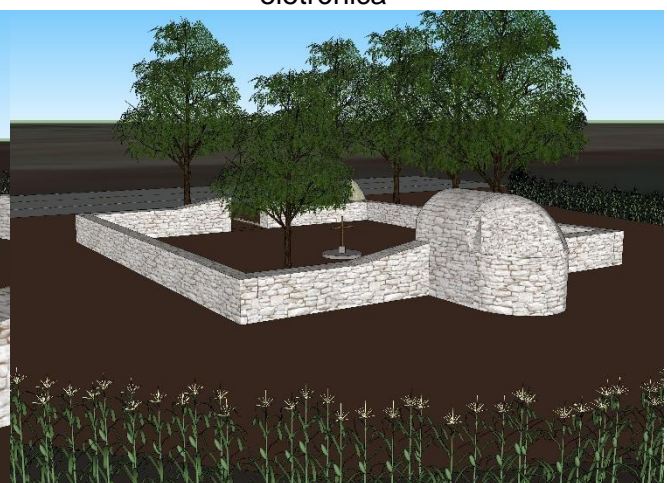


**Figura 40:** Perspectiva da maquete eletrônica

**Figura 39:** Perspectiva da maquete eletrônica



**Figura 41:** Vista posterior da maquete eletrônica



Fonte: Elaborado por Paula Marino, 2019.





## 6.2 Patologias da Edificação e Preservação

Por conta da estrutura de rochas localizar-se em contato direto com o solo e rodeado por árvores, além de ficar exposto às intempéries (chuva, vento, variações climáticas, umidade etc), foram constatados fatores de intemperismo físicos, químicos e biológicos.

Durante as visitas ao local e vistoria da situação da edificação, foi possível observar que em alguns pontos a estrutura do muro foi danificada por questões de intemperismo físico. Na porção sudoeste um trecho desabou aparentemente por conta da queda de um dos galhos das árvores presentes no local. Já na porção nordeste alguns blocos de pedra se desprenderam da estrutura. Através do registro fotográfico constante no Relatório da Sapienza (2014) (Figura 44), pode-se observar que a estrutura não estava danificada na época, tendo acontecido posteriormente à 2014 (Figuras 42 e 43).

**Figura 42:** Trecho danificado na porção sudoeste.



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 43:** Parte do muro danificada na porção nordeste.



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 44:** Situação da estrutura em 2014, sem danos nos muros.



Fonte: SAPIENZA (2014)

No que se refere aos intemperismos químicos, pode-se citar a ação das chuvas, cuja água penetra por capilaridade nas rochas e reage com os componentes da estrutura mineral ali presentes, assim como organismos vegetais podem penetrar nas rochas, podendo ocasionar a sua deterioração ao longo do tempo. Da mesma forma, as raízes das árvores podem impactar a estrutura, assim como alguns líquens presentes nas rochas, podem degradar o sítio, se não houver uma manutenção do local.

Além disso, o estudo realizado pela Sapienza (2014) já havia indicado que

No acesso ao sítio há um caminho marcado por pedras que leva da PR 323 até o seu portal de entrada, e ao lado deste caminho há uma grande pedra onde são visíveis marcas de uma antiga placa de indicação, que não se encontra mais no local.

Em relação ao caminho marcado por pedras, citado pelo relatório anterior, este já não se encontra da mesma maneira, devido à falta de manutenção, como podem ser vistos nas figuras a seguir.

**Figura 45:** Fachada do Cemitério dos Caboclos em 2014.



Fonte: SAPIENZA (2014)

**Figura 46:** Fachada do Cemitério dos Caboclos em 2019.



Fonte: Autores, 2019.

Já no que se refere à grande pedra que fica ao lado deste caminho, desde o primeiro estudo realizado em 2014 já não havia mais a placa de identificação que estava afixada nela. Neste sentido o Sr. Waldemar Zironi disse não saber qual era o conteúdo da placa, portanto não temos acesso à esta informação.

Neste sentido, a fim de atender ao solicitado no Termo de Referência do DER-PR para o empreendimento em tela, foi instalado no local uma placa de identificação de sítio



arqueológico histórico, segundo o modelo padrão do IPHAN. No entanto, a placa que havia sido instalada no local no dia 10 de abril de 2019, foi furtada 5 dias depois.

**Figura 47:** Grande pedra onde havia uma placa de identificação.



Fonte: SAPIENZA (2014)

**Figura 48:** Placa instalada em 10 de abril de 2019 e furtada em seguida.



Fonte: B.O. n° 2019/457319

Uma vez que o sítio Cemitério dos Caboclos trata-se de um local onde acontecem manifestações culturais e é acessível à qualquer pessoa, um outro ponto que pode afetar a sua preservação ou alterar a sua paisagem são os objetos e materiais orgânicos deixados após a realização de rituais religiosos e outras ações. Durante a entrevista com Diogenes Oliveira, representante de afro-religião, ele contou que ele e seus conhecidos costumam limpar o local e sempre recolhem os objetos que utilizam e destinam para o local correto, a fim de não agredir o meio-ambiente e nem deixar o lugar sujo. No entanto, nem todas as pessoas que utilizam o local tem essa preocupação.

**Figura 49:** Objetos e materiais orgânicos presentes no local.



Fonte: Autores, 2019.

**Figura 50:** Objetos e materiais orgânicos presentes no local.



Fonte: Autores, 2019.



Em relação à preservação do sítio “Cemitério dos Caboclos”, todas as pessoas com quem a equipe teve contato para realizar o estudo em tela demonstraram grande interesse e preocupação pela manutenção e preservação do local. A princípio, foi unanimidade entre os entrevistados o contentamento pelo local ter sido registrado como patrimônio nacional, o que impediu a sua destruição em decorrência da obra de Duplicação da PR-323, a qual teve seu trajeto alterado como condicionante imposta pelo DER.

Durante a conversa com o jornalista Donizete Oliveira, ele lamentou o lugar não ser melhor preservado e a falta de importância que as autoridades dão ao local. Falou que seria interessante ter um painel que informasse a história do local, porque acredita que quase ninguém saiba sua real história e origem. Ao seu ver, o local deveria ser cercado e as autoridades deveriam se responsabilizar pela sua preservação e divulgação da sua história.

Entretanto, durante a conversa com Luciano, secretário da Cultura de Paiçandu, e Cleverson, Diretor da Cultura, pudemos observar o interesse destes agentes em procurar conhecer melhor a história desta edificação, através de um levantamento que estão realizando, para então procurarem os meios certos para preservá-lo. Segundo o Secretário, a Casa da Cultura de Paiçandu tem uma grande preocupação com a preservação do local, procurando ainda não impedir a continuidade das manifestações culturais existentes. O Secretário da Cultura de Paiçandu deseja que o órgão responsável (IPHAN) oriente a Prefeitura em relação à manutenção do local, uma vez que este foi tombado. Dentre as ações necessárias, ele citou pintura, cascalhos no chão para evitar o solo exposto que causa lama, manutenção das árvores etc.

Como citado anteriormente a fala de Diogenes Oliveira, ele considera que seria interessante que fosse instalada uma sinalização no local, para que as pessoas saibam que trata-se de um lugar importante e sagrado para muitas pessoas. Ele sugeriu que fosse uma sinalização mais rústica e mais adequada ao estilo da edificação. Além disso, indicou também que seria interessante colocar alguma iluminação pública no local, para aumentar a segurança.





## 7 DIVULGAÇÃO DAS INFORMAÇÕES E MÍDIA DIGITAL

Ao longo das conversas realizadas com pessoas interessadas na preservação do sítio Cemitério dos Caboclos e na divulgação da sua história, percebemos a necessidade de divulgação dos resultados desta pesquisa com os órgãos públicos locais, tanto de Paiçandu, quanto Doutor Camargo, Cianorte etc, para terem como registro as informações levantadas sobre o local. Além disso, entendemos que o contato com instituições escolares, principalmente do município de Paiçandu e Doutor Camargo, para divulgar os resultados do estudo, poderá ter um maior alcance para que os moradores locais conheçam mais sobre a história da cidade e desta edificação.

Neste sentido, a equipe envolvida no Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial da Duplicação da Rodovia PR-323 - Trecho: Paiçandu – Doutor Camargo / PR, irá incorporar na 3ª Campanha de Educação Patrimonial, que será realizada ao longo do mês de setembro, ações mais amplas nos municípios de Paiçandu e Doutor Camargo para divulgar os resultados deste relatório. Pretende-se distribuir aos coordenadores pedagógicos e professores da rede pública local folders informativos específicos sobre o sítio Cemitério dos Caboclos, assim como compartilhar com eles este relatório completo com o desenvolvimento do trabalho.

Além disso, podemos considerar que este estudo irá contribuir para as pesquisas em andamento sobre a região, como por exemplo, as que já tem sido realizadas pela escritora Izaura Varella e pelo jornalista Donizete Oliveira.

Para ampliar o alcance da divulgação dos resultados obtidos pela pesquisa, também foi produzido um material para publicação em meio digital, através das redes sociais. Dessa forma, no dia 22 de agosto de 2019, foi publicado na página da empresa ArqueoLogística no Facebook, uma postagem contendo um resumo dos resultados da Pesquisa e Registro Documental do Sítio Arqueológico Histórico “Cemitério dos Caboclos” (Figura 51).

A página do *Facebook* pode ser acessada através deste link: <https://www.facebook.com/arqueologistica/>.





**Figura 51:** Publicação feita na página do Facebook da ArqueoLogística sobre a pesquisa.

Detalhes da publicação
As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações



**ArqueoLogística - Consultoria Arqueológica**  
23 de agosto às 17:21

No decorrer do ano 2019, a equipe da ArqueoLogística vem executando estudos arqueológicos na cidade de Paçandú - PR, referente ao licenciamento ambiental da duplicação da Rodovia PR- 323, entre Paçandú e Doutor Camargo.

Ao longo desse levantamento, foi possível aprofundar o estudo sobre o Cemitério dos Caboclos, um sítio arqueológico histórico, que apresenta enterramentos relacionados as comunidades indígenas presentes na região, além de uma estrutura em pedras que circunda o local, construído para preservar a memória da comunidade.

Este estudo permitiu, não só o levantamento de elementos materiais que nos permitem discutir o passado da região, mas também compreender as relações comunitárias com esse lugar na atualidade, o que fortalece a relevância do Cemitério dos Caboclos como patrimônio.

Nesse sentido, as conversas e entrevistas realizadas junto a comunidade foram essenciais para a compreensão desse sítio, que se apresenta como um espaço sagrado para os povos de terreiro e praticantes de religiões afro brasileiras da região Noroeste do Paraná.

Além disso foi realizada a caracterização física do sítio arqueológico, demonstrando o seu atual estado de conservação, as patologias na edificação ocorridas ao longo do tempo e a confecção de uma maquete em 3D para melhor representar a disposição da edificação no ambiente.

Portanto, o contato com a comunidade foi essencial para compreender os possível impactos que a duplicação da PR -323 poderia ocasionar nas relações sociais com o Cemitério dos Caboclos, apresentando como resultado, medidas que atendem, tanto as demandas comunitárias de preservação e conservação do sítio, quanto aquelas que permitem a continuidade das obras no local.

Autores: Ana Flávia, Tailine Rodrigues, Paula Marino, Franciele Behring, Ana Fragoso.

**Desempenho da sua publicação**

**150** Pessoas alcançadas

**28** Reações, comentários e compartilhamentos

|                     |                     |                        |
|---------------------|---------------------|------------------------|
| 20 Curtir           | 20 Na publicação    | 0 Em compartilhamentos |
| 4 Amei              | 4 Na publicação     | 0 Em compartilhamentos |
| 1 Uau               | 1 Na publicação     | 0 Em compartilhamentos |
| 3 Comentários       | 3 Em uma publicação | 0 Em compartilhamentos |
| 0 Compartilhamentos | 0 De uma publicação | 0 Em compartilhamentos |

**47** Cliques em publicações

|                          |                   |                   |
|--------------------------|-------------------|-------------------|
| 16 Visualizações da foto | 0 Cliques no link | 31 Outros cliques |
|--------------------------|-------------------|-------------------|

**FEEDBACK NEGATIVO**

|                       |                                |
|-----------------------|--------------------------------|
| 0 Ocultar publicação  | 0 Ocultar todas as publicações |
| 0 Denunciar como spam | 0 Descurtir Página             |

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações







**Mais 5**

150 Pessoas alcançadas

75 Envolvimentos

[Impulsionar publicação](#)

23 Reações

3 comentários

Curtir

Comentar

Compartilhar

Escreva um comentário...

**Mais relevantes**

**ArqueoLogística - Consultoria Arqueológica** Maringá Histórica Casa Da Cultura De Paçandú

Curtir · Responder · Comentado por Jardel Stenio [?] · 2 d

**Ludiane Vilela** Que trabalho incrível!

Curtir · Responder · Mensagem · 2 d

Ver mais 1 comentário

Fonte: Autores, 2019.



arqueologisticaprojetos@gmail.com | Maringá – PR | (44) 99949-2746

67



## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente **Pesquisa e Registro Documental do Sítio Arqueológico Histórico “Cemitério Dos Caboclos”** teve por objetivo apresentar os resultados do levantamento desta edificação histórica localizada às margens da Rodovia PR-323, caracterizada como local de interesse para o patrimônio imaterial da comunidade, no município de Paiçandu, Estado do Paraná.

A pesquisa consistiu em levantamento de dados primários, com a ida a campo para a verificação da edificação em epígrafe, analisando seus aspectos físicos, por meio do qual foi possível realizar uma caracterização mais detalhada da construção, resultando em desenhos técnicos e uma maquete eletrônica. A partir da visita *in loco* também observaram-se as patologias da edificação e ameaças à sua preservação.

Ainda através das pesquisas de campo, a equipe realizou conversas e entrevistas com indivíduos estratégicos vinculados ao Cemitério dos Caboclos. Desta maneira a equipe esteve em contato com estudiosos sobre o assunto, como a escritora Izaura Varela e o jornalista Dozineti Oliveira, os quais tem realizado publicações sobre esta temática. Da mesma forma, o contato com o Sr. Waldemar Zirondi, responsável pela construção da edificação, foi de grande contribuição para a compreensão das intenções envolvidas na materialização do sítio. Já o contato com Diogenes Oliveira, permitiu conhecer o significado do local para os grupos religiosos que o utilizam, abrangendo a dimensão imaterial do sítio. E, por fim, através do diálogo com os responsáveis pela Casa da Cultura de Paiçandu, foi possível perceber que o município tem interesse na preservação deste patrimônio e já está agindo para conhecer melhor a sua história e os meios para a sua divulgação e manutenção.

O levantamento dos dados primários foi precedido pela pesquisa bibliográfica e documental, a qual embasou o desenvolvimento da pesquisa. O cruzamento dos dados primários e secundários permitiu a confirmação de diversas informações, assim como o levantamento de hipóteses e novos questionamentos, como é característico da pesquisa.

Portanto, este estudo permitiu, não só o levantamento de elementos materiais que nos permitem discutir o passado da região, mas também compreender as relações comunitárias com esse lugar na atualidade, o que fortalece a relevância do Cemitério dos Caboclos como Patrimônio. Nesse sentido, as conversas e entrevistas realizadas junto à







comunidade foram essenciais para a compreensão desse sítio, que se apresenta como um espaço sagrado para os praticantes de religiões afro-brasileiras e demais religiões da região Noroeste do Paraná.

*Ana Flávia de Araújo Silva*

**Ana Flávia de Araújo Silva**  
Arqueóloga Coordenadora Geral

*Tailine Rodrigues Valério da Silva*

**Tailine Rodrigues Valério da Silva**  
Arqueóloga e Mestra em Antropologia





## 9 EQUIPE TÉCNICA

- Ana Flávia de Araújo Silva – *Arqueóloga Coordenadora Geral*
- Tailine Rodrigues Valério da Silva - *Arqueóloga e Mestra em Antropologia / Desenvolvimento da Pesquisa*
- Paula Rocha do Amaral Marino - *Arquiteta e Urbanista / Pesquisa de Campo e Gabinete*
- Ana Claudia Fragoso – *Arqueóloga de Campo do Monitoramento*
- Karla Bianca da Silva Oliveira - *Arqueóloga e Mestranda em Antropologia / Geoprocessamento.*





## 10 REFERÊNCIAS

- ARQUEOLOGÍSTICA, Consultoria Arqueológica. **Projeto de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial das obras de implantação da Duplicação da Rodovia PR-323 - Trecho: Paçandu – Doutor Camargo, Estado do Paraná.** Novembro, 2018.
- BUENO, Lucas; DIAS, Adriana. Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. **Estudos avançados**, v. 29, n. 83, p. 119-147, 2015.
- CANDAU, JOËL. **Memória e identidade**; tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto. 2016 (3ª Reimpressão).
- CARDOSO, Cássia Regina Soares. O processo de ocupação do noroeste paranaense nas décadas de 1950 a 1960. **Maringá, PDE-UEM**, 2007.
- CHMYZ, Igor. Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Ivaí. **Pronapa**, 2. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 10, p. 95-118, 1969.
- CIOFFI, H. et al. **Cianorte, sua história contada pelos pioneiros**. Cianorte: Gráfica Ideal, 1995.
- DE MASI ARQUEOLOGIA. **Projeto de Levantamento Arqueológico Complexo Gerador Eólico, Subparques Rota das Araucárias I e II, Palmas, PR.** 2013.
- DIAS, Adriana Schmidt; HOELTZ, Sirlei Elaine. Indústrias líticas em contexto: o problema Humaitá na arqueologia sul brasileira. **Revista de Arqueologia**, v. 23, n. 2, p. 40-67, 2010.
- ESPAÇO ARQUEOLOGIA. **Relatório final de monitoramento arqueológico e educação patrimonial do Programa de Resgate arqueológico, monitoramento e educação patrimonial nas áreas de influência da UHE Baixo Iguaçu, municípios de Capanema, Capitão Leônidas Marques e Realeza – PR.** 2018.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. O Paraná e seus Municípios. Maringá: **Memória Brasileira**, 1996.
- FREITAS, Valéria Tramontini; SEIXAS, Marcia Valéria A. Carraro; DALBERTO, Anelise Guadagnin. Patrimônio histórico de Cianorte: Os primeiros edifícios e áreas públicas. *In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo*, 2016, Porto alegre. **Anais [...]**. porto alegre: [s. n.], 2016. Disponível em: <https://enanparq2016.files.wordpress.com/2016/09/s10-02-freitas-v-seixas-m-dalberto-a.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2019.
- MACHADO, Filipe Diêgo Cintra; CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. Arqueologia funerária no cemitério de Santo Amaro, Recife, PE. **Clio Arqueológica**, V. 32 n 2, p.187-208. 2017.
- MONDARDO, Marcos Leandro. Os Caboclos no Sudoeste do Paraná: de uma “Sociedade Autárquica” a um grupo social excluído. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 2, n. 3, 2008.





NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas-1872-2000. **Revista USP**, n. 44, p. 218-269, 1999.

REGO, Robson Rogério. **Estudos toponímicos do norte central paranaense – Em busca do café**. Dissertação de mestrado em Estudos da linguagem da Universidade Estadual de Londrina. 2013.

REIS, José. Prolegômenos sobre teoria na arqueologia. **Revista Diálogos**, v. 6, n. 1, 2002.

REIS, Lucas Bond; ALMEIDA, Fernando Silva de; BUENO, Lucas Reis. Entre ‘estruturas e pontas’: o contexto arqueológico do Alto Vale do Itajaí do Sul e o povoamento do Brasil meridional. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.** Belém, v. 13, n. 3, p. 597-623, dez. 2018.

SAPIENZA, Arqueologia e Gestão do Patrimônio. **Relatório Final de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica na Área de Duplicação, Restauração, Manutenção, Conservação e Operação do Corredor da Pr-323, entre Maringá e Acesso a Francisco Alves**. Tubarão, maio de 2014.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (Ed.). Casas subterrâneas: nas terras altas do sul do Brasil. **Inst. Anchietano de Pesquisas**, 2002.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias**. Aos Quatro Ventos, 2000.

VARELLA, Izaura Aparecida Tomaroli. **Sob As Sombras Das Perobas Da Minha Terra - História dos primeiros vinte anos de Cianorte - 1953/1973**. No prelo. 2019.

VARELLA, Izaura Aparecida Tomaroli. **Caminhos da história: Um manual indicativo e biográfico dos logradouros públicos do município de Canorte**. Editora Bacon LTDA. 2012.







## 11 ANEXOS

**Anexo 01** – Ofício nº 955/14 IPHAN/PR

**Anexo 02** – Ofício nº 032/2018 DER/DG/AEA

**Anexo 03** – Portaria nº 73, de 7 de dezembro de 2018, Anexo I, nº 02.

**Anexo 04** – Declaração de Participação e Currículo da Arqueóloga e Antropóloga Tailine Rodrigues Valério da Silva

**Anexo 05** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Izaura Aparecida Tomaroli Varella

**Anexo 06** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Waldemar Zironi

**Anexo 07** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Diogenes Oliveira

**Anexo 08** – Transcrição da Entrevista com Diogenes Oliveira

**Anexo 09** – Desenhos Técnicos da Edificação

**Anexo 10** – Imagens da Maquete Eletrônica

**Anexo 11** – Mapa do Trecho de Duplicação da PR-323

**Anexo 12** – Mapa de Localização do Sítio Cemitério dos Caboclos

**Anexo 13** – Mapa do Sítio – Etapa Anterior

**Anexo 14** – Registro do Sítio – CNSA

**Anexo 15** – Matéria na Revista “Tradição” Sobre o Cemitério dos Caboclos

**Anexo 16** – Arquivo *Sketchup* da Maquete Eletrônica

**Anexo 17** – Arquivo *dwg* dos Desenhos Técnicos

**Anexo 18** – Arquivo *Shapefile* da Localização do Sítio

